

997

# FÁTIMA-50

Ano IV - N° 39

13/Julho/1970

*Alminhas  
à entrada do  
Santuário da Fátima*



# AOS NOSSOS QUERIDOS ASSINANTES E LEITORES

DEPÓSITO LEGAL  
-0. OUT. 1971

Muito contra nossa vontade só agora podemos reatar a publicação de Fátima 50 que esperamos vá continuar com regularidade e dentro em breve esteja em dia.

A todos os que nos escreveram com palavras de alento o nosso agradecimento.

E, a terminar, aqui vai um duplo pedido: primeiro, de orações e, em seguida, de auxílio de toda a ordem sobretudo com angariamento de novos assinantes e de anúncios que aproveitem com fruto a nossa publicidade e ajudem a revista.

E, com a protecção da Mãe do Céu, a quem queremos servir até ao último alento vamos continuar.

E, para que não cause espanto a ninguém informamos ainda que, continuando a ser um órgão de informação e arquivo da vida do Santuário e para melhor conhecimento e difusão da Mensagem da Fátima, a nossa revista alarga o seu âmbito de acção a tudo o que diga respeito ao culto e devoção à Mãe de Deus, ajudando os seus leitores a sentir com a Santa Igreja nossa Mãe e nossa Mestra.

Alguns números corresponderão a dois meses mas os assinantes serão compensados a seguir.

Pedimos a todos que na sua correspondência evitem nomes de pessoas mas enderecem tudo sempre para a Redacção de Fátima 50 — Santuário da Fátima ou Administração de Fátima 50 — Santuário da Fátima, consoante trate de material para publicar ou de contas, de assinaturas e anúncios.



**Ano IV-N.º 39 13/Julho/1970**

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,  
DOCUMENTAL E ILUSTRADA

Editor e Director:

Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Redacção, Administração e Publicidade:  
SANTUÁRIO DE FÁTIMA

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00  
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00  
Outros países — Assinatura anual: 130\$00  
PRIX D'ABONNEMENT — 12 números (un an): 130\$00  
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

Composto e impresso por GRIS IMPRESSORES,  
S. A. R. L., Lisboa/Cacém.

## NESTE NÚMERO

AINDA SE PODE SER DEVOTO DA VIRGEM MARIA? ... ..	1
FÁTIMA 13 DE JUNHO... ..	4
PATRIARCA SUPREMO DOS ARMÉNIOS NO SANTUÁRIO... ..	7
UM COLÉGIO DIOCESANO NA FÁTIMA... ..	10
O SENHOR PATRIARCA DAS ÍNDIAS FESTEJOU NA FÁTIMA AS SUAS BODAS DE OURO SACERDOTAIS ... ..	10
VIDA DO SANTUÁRIO ... ..	11
PEREGRINAÇÃO NACIONAL DOS DOENTES A FÁTIMA ... ..	12
O CARÁCTER OBJECTIVO, PROFÉTICO DAS ÚLTIMAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA ... ..	15
A URBANIZAÇÃO DA FÁTIMA ... ..	22

# Ainda se pode ser devoto da Virgem Maria?

pelos Cônego J. Galamba de Oliveira

## SITUAÇÃO ACTUAL

Triste sina é a desta época no que diz respeito ao culto de Nossa Senhora e devoção à Mãe de Deus.

Quem havia de dizer que, no nosso tempo e na nossa terra, alguém, dentro da Igreja, se atreveria a atacar devoções marianas aprovadas pelo Sumo Pontífice, pelos Bispos em união com ele e pelo Concílio Ecuménico, e consagradas pelo exemplo dos Santos e pela tradição de séculos?

Quem pudera imaginar na Terra de Santa Maria, petulantes leigos e clérigos e pretenderem ridicularizar o amor e a devoção filial da gente simples que ainda tem fé e, como guiada por um instinto sobrenatural, por essa fé pauta a sua vida de cada dia?

Nada escapa ao furor iconoclasta de uns tantos que se crêem «iluminados» e possuídos de «espírito profético».

Afastam-se dos altares e dos templos as imagens de Nossa Senhora, por vezes, até as que são ainda objecto de singular devoção dos fiéis e o foram da parte das gerações passadas, e reduz-se a casa de Deus a uma casa qualquer, sem um símbolo sequer que ajude a elevar a alma para Deus.

Faz-se gala de ter igrejas totalmente despidas como armazéns. E isto num tempo em que, no sector da pedagogia, tanto se fala do valor dos meios audiovisuais. Que pena! Foi a Igreja a grande pioneira da educação de crianças e de adultos rudes e instruídos. Para quem não sabia ler encheu de pinturas as paredes dos seus templos e até nos vitrais das janelas pôs cenas do Velho e do Novo Testamento, a vida de Cristo e a dos Santos, os mistérios da vida de Maria SSma. e os dogmas fundamentais da nossa Santa Religião.

Representavam-se nos templos, na Idade Média, os mistérios e autos religiosos. E a assembleia cristã cantava em coro os salmos e outros cânticos espirituais.

Agora querem-nos tratar como Anjos, como se não fosse pelos sentidos que o mundo exterior nos entra na alma e o espírito se enriquece de novas ideias e de melhor disposição.

## A NOSSA ATITUDE

Não acusamos ninguém.

Mas nós, Católicos e Portugueses, não podemos, não queremos acatar tal atitude. Sentimos que ela é, ao mesmo tempo, profundamente anti-portuguesa e anti-católica.

Anti-portuguesa. É claro. A nossa vida e a nossa história esmaltam-se de gestos e de factos suficientemente eloquentes para demonstrarem a arraigada devoção dos Portugueses a Nossa Senhora e a protecção especial de Nossa Senhora para com Portugal.

Está ainda a nossa terra cheia de monumentos da devoção dos Portugueses de algum dia para com Nossa Senhora. E, se é verdade que alguns ruiam por incúria dos homens ou por injúria do tempo, não é menos verdade que tais ruínas, como o Convento do Carmo em Lisboa, cantam com eloquência essa incontestável realidade.

Não há igreja sem altar ou altares dedicados à Mãe de Deus, e é tal o número e esplendor dos templos que quantos nos visitam logo concluem encontrar-se realmente na Terra de Santa Maria.

Ele é, na fundação, o esplêndido mosteiro e igreja de Santa Maria de Alcobaça; na consolidação da independência, surge-nos a joia de beleza ímpar que é Santa Maria da Vitória, na Batalha, e a pequenina ermida de Sta. Maria e S. Jorge mais acima no terreiro da luta.

Sta. Maria dos Jerónimos fica a atestar, séculos em fora, a gratidão do rei e do reino pelo descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Quando, após o cativo de 60 anos, volta a raiar na nossa terra a liberdade, e a bandeira das Quinas pode, de novo, ser desfraldada no topo dos mastros, não há monumento especial mas toda a terra e nação portuguesas se tornam num templo mariano pela consagração que de si fazem à Mãe do Céu a quem, no privilégio da sua Imaculada Conceição que juram defender, tomam por rainha e padroeira. Aclamam-na as cortes; o rei coroa-a Rainha com a sua própria coroa que, daí por diante, deixa de usar e, séculos antes da definição dogmática, já é aqui objecto da crença geral o dogma da Imaculada Conceição.

Levam-lhe a imagem na proa as nossas caravelas e na alma de cada soldado, marinheiro ou missionário subia alto a chama de amor à Virgem. Bem podia dizer-se dos Portugueses, desde a sua origem, que, como os cavaleiros lutavam pela sua dama, também eles, em toda a sua vida e acção traziam sempre a Senhora no pensamento e no coração. Assim se passaram séculos. E, na hora grave do primeiro quartel deste século, quando a nau do Estado metia água e o cavename rangia a ameaçar iminente e fatal naufrágio, quando os mais autênticos valores humanos, morais e religiosos estavam em jogo e em almoeda, a Senhora toma Portugal por trono da sua misericórdia e amor e faz da Fátima místico altar do mundo.

Quem poderá enumerar as inenarráveis maravilhas de que a nossa terra tem sido teatro de então para cá e a torrente de bênçãos e de graças derramadas por Deus através da mão de Maria sobre nós e sobre o mundo inteiro?

E haver ainda quem, depois disto — história de séculos e realidade actual — pretenda diminuir ou desvirtuar a nossa devoção à Mãe de Deus e nossa Mãe! ...

## PRECONCEITO INFUNDAMENTADO

Ainda o mais rudimentarmente instruído em matéria religiosa sabe que a missão fundamental da Virgem Maria foi dar-nos o Salvador, Cristo Jesus, Filho de Deus e seu Filho também. E é esta, igualmente, a raiz de todos os seus privilégios: a Maternidade Divina. Por outro lado, pode dizer-se que, se é missão sua dar Deus aos homens o é igualmente encaminhar os homens para Deus.

Pelo seu exemplo, pela sua vida, pelo seu sacrifício de Corredentora embora incruento, ela é realmente a ponte admirável por onde mais facilmente o homem vai com segurança até Deus, ao encontro do Pai.

Que epopeia de graça e de amor na história de tanto pródigo! Que maravilha de ternura e de zelo na vida íntima de Santos e de Apóstolos consagrados à glória de Deus e à salvação das almas!

Pode dizer-se que, na quase totalidade dos casos, é por Maria — a Mãe — que os filhos regressam à casa paterna.

E será difícil, para não dizer impossível, encontrar santo autêntico, verdadeiro, que não tivesse sido apaixonado de amor e de devoção à Mãe de Deus.

Mãe e Filho formam um. Como não havia de ser assim, quando o Divino Salvador pedia ao Pai por todos nós: «Que eles sejam um só como nós somos um só»! (Jo. 17, 22).

Oh não, não é possível conceber mais íntima união com Cristo nem mais entranhado amor a Ele do que na Virgem SSma. Sua Mãe.

É, pois, incompreensível o receio de que a devoção à Virgem SSma. se torne em diminuição de amor ao seu bendito Filho e nosso Divino Salvador. É quase blasfemo tal pensamento.

Pelo contrário, podemos, sem receio de errar, afirmar pom a maior segurança que, quanto mais amante de Maria uma alma for, tanto mais crescerá no amor e serviço da Santa Igreja nossa Mãe e do seu Chefe Nosso Senhor Jesus Cristo.

A afirmação contrária carece de qualquer fundamento.

## VOZ DA IGREJA, VOZ DO ALTO

«Um só é o vosso Mestre» disse o Senhor, (Mt. 23, 8). E noutra passagem: «Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, visto que o sou» (Jo. 13, 13). Finalmente revela-Se-nos presente no ensinamento vivo da Hierarquia da Igreja com a qual se identifica «Quem vos ouve é a Mim que ouve, e quem vos rejeita é a Mim que rejeita» (Lc. 10, 16).

Não é difícil, nestas condições, saber o que o Senhor pensa e ensina: basta ver o que pensa e ensina a Santa Igreja.

Não é Igreja um plúmbeo qualquer nem sequer um ilustre teólogo que apresenta e manifesta a sua maneira de sentir pessoal. Não tem missão docente na Igreja, sequer, uma associação, um grupo, uma tertúlia teológica de conciliábulo a revestir-se, de própria autoridade, com a missão docente oficial. Sabemos por S. Paulo (2 Tim. 4, 1-2) «que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos sedutores e a doutrinas diabólicas, seduzidos pela hipocrisia de impostores ...»

Por isso mesmo nos agarramos à «Igreja do Deus vivo que é coluna e esteio da verdade» (2 Tim. 3, 15).

Ora no II Concílio Ecuménico do Vaticano a Santa Igreja ensina-nos oficialmente, solenemente, por estas palavras:

( ... os fiéis — unidos a Cristo sua cabeça e em comunhão com todos os seus santos — devem também e em primeiro lugar venerar a memória da gloriosa sempre Virgem Maria Mãe de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo» L. G. 52.

E no n.º 65:

« ... quando é exaltada e honrada Maria — que, pela sua cooperação última na história da salvação, de certo modo reúne e reflecte as maiores exigências da fé — Ela atrai os crentes para Seu filho, para o sacrifício d'Ele e para o amor do Pai.»

E no n.º 67 «O Sagrado Concílio ... exorta ao mesmo tempo todos os filhos da Igreja a que promovam dignamente o culto da Virgem Santíssima, de modo especial o culto litúrgico, a que tenham em grande estima as práticas e exercícios da piedade, que em sua honra o Magistério da Igreja recomendou no decorrer dos séculos e a que observem religiosamente quanto foi estabelecido no passado acerca do culto das imagens de Cristo, da Santíssima Virgem e dos Santos.

Por sua vez, recordem-se os fiéis de que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe e à imitação das suas virtudes».

Tanto nos basta por hoje.

## CONCLUSÃO

Calem-se pois as vozes desafinadas dos impugnadores da devoção e amor à Virgem Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe. Não lhes prestemos ouvidos. A palavras loucas ourelhas moucas diz o nosso povo e muito bem. E não podemos deixar de considerar ao menos como loucas as palavras que se atrevem a tocar no nosso amor à Mãe de Deus.

Nós não a adoramos. Não. Só adoramos a Deus. Mas não temos medo de exagerar no amor que lhe consagramos e na veneração de que a rodeamos.

Por isso, também nos conservaremos fiéis na devoção em que crescemos e nos criámos. Sem pôr de parte aquilo que o sentimento, os sentidos, a poesia, a arte, a tradição nos oferecem ou nos pedem, para honrar a Virgem Maria, procuraremos, sobretudo, na nossa devoção, preferir as práticas mais queridas da mesma Virgem Maria e mais louvadas e abençoadas pela Santa Igreja.

Não nos esqueceremos de imitar as suas virtudes, celebrar com brilho e piedade as suas festas, invocar o seu patrocínio, recordar e cantar os seus privilégios, manter viva a devoção do Santo Rosário e viver a prática dos Primeiros Sábados em honra do seu Coração Imaculado.

Grave-se, porém, bem vivamente na nossa alma, e no nosso coração que tudo o que de exterior lhe dermos ficará sem valor se não fizermos a oferta, consagração e entrega de nós mesmos, da nossa vida por um fiel cumprimento da Vontade S. S.<sup>a</sup> de seu Filho, pela leal aceitação da Lei de Deus.

Também à Virgem SS.<sup>a</sup> se aplica decerto aquele velho prolóquio português: «Quem meu filho beija minha boca adoça».

É que o melhor caminho para irmos a Jesus é Maria mas a melhor maneira de agradarmos a Maria é amarmos e servirmos a Jesus. Assim não há perigo de errar.



## Fátima 13 de Junho

Com extraordinária representação de fiéis realizaram-se nos dias 12 e 13 de Junho as habituais cerimónias em honra de Nossa Senhora.

Às cerimónias da noite do dia 12 (hora Santa e procissão) presidiu o Senhor Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio.

Entre os peregrinos nacionais notava-se a presença de um numeroso grupo de Gondomar dirigido pelos Padres Capuchinhos.

Na hora de adoração na noite do dia 12 pregou o Rev. Padre Adelino Pereira do Convento dos Franciscanos de Leiria. Durante a procissão eucarística conduziu a custódia com o Santíssimo Sacramento o Senhor D. João Pereira Venâncio.

Durante a noite houve turnos de adoração eucarística e, às 6 horas da manhã, celebrou a santa missa o Sr. Dom Américo Henriques, Bispo coadjutor de Lamego. Houve muitos milhares de comunhões.

Pelas dez horas a multidão concentrou-se em volta da Capela das Aparições para a reza do terço e para a procissão com a imagem de Nossa Senhora

que foi levada para junto do altar exterior da Basílica. Neste altar celebrou a missa oficial da peregrinação o P. Adelino Pereira que, ao evangelho, voltou a falar aos fiéis sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Em lugar especial assistiu Mons. Webster, bispo de Granada (Índias Ocidentais) que veio com um grupo de peregrinos do seu país. Na colunata reservada, várias dezenas de doentes, em macas ou cadeirinhas de rodas, tomaram parte neste acto. Na outra colunata diversos grupos de peregrinos estrangeiros, entre os quais um grupo de 30 de Bordéus. Encontravam-se ainda entre os peregrinos o Sr. Cónego C. Barthas, de Toulouse, grande historiador e divulgador da Mensagem da Fátima na França, e o P. Calvet, antigo missionário em Madagascar que veio à Fátima completar uma fita para divulgação da história das Aparições da Fátima.

Depois da missa, o reitor do Santuário, Mons. António Antunes Borges, recitou a consagração ao Imaculado Coração de Maria, e o Bispo das Índias Ocidentais deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos enfermos e a todo o povo.



*Aspectos da Peregrinação de 13 de Junho*





*Patriarca Vasken I*





## O PATRIARCA SUPREMO DOS ARMÊNIOS NO SANTUÁRIO

A convite da Fundação Calouste Gulbenkian, veio ao nosso País o Patriarca Vasken I, da Igreja Ortodoxa arménia, que em 9 de Maio se havia encontrado no Vaticano com Sua Santidade o Papa Paulo VI.

Depois de em Lisboa ter sido recebido na sede da Fundação Gulbenkian cujas instalações benzeu, o Patriarca Supremo de todos os arménios veio em peregrinação ao Santuário, no dia 10, para aqui orar e apresentar cumprimentos a Sua Emcia. o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e aos Prelados portugueses que aqui se encontravam em retiro espiritual.

O Em.mo Patriarca arménio veio acompanhado do Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Azeredo Perdigão, do Arcebispo Seropé Manoukian, delegado apostólico na Europa de Vasken I, e do Rev. Nakeg Chakarian, arquiemandrita, e Barkev Chahbazian, secretário.

À chegada ao Santuário, às 17 horas, foi recebido na sala da Casa dos Retiros pelos Senhores D. Manuel Gonçalves Cerejeira, D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, e Reitor do Santuário. Depois dos cumprimentos, o Patriarca da Arménia conversou durante algum tempo com Sua Eminência e o com o Sr. Bispo de Leiria. A pedido do Sr. Cardeal de Lisboa, recebeu todos os Bispos portugueses para os quais teve palavras de grande



*Os patriarcas Vasken I e  
D. Manuel Gonçalves Cerejeira  
orando na Capela das Aparições*

simpatia e afecto. Ali mesmo, todos os dignitários da Igreja rezaram a Ave-Maria pela consumação da unidade de todos os cristãos.

Em seguida, Vasken I e sua comitiva, acompanhados do Senhor Patriarca de Lisboa e do Senhor Bispo de Leiria, dirigiram-se à Capela das Aparições onde oraram diante da imagem de Nossa Senhora. O Sr. Bispo entouou com os peregrinos que ali se encontravam alguns cânticos próprios das peregrinações.

Efectuou-se depois uma breve visita à Basílica.

O Sr. Patriarca dos arménios ofereceu ao Sr. Patriarca de Lisboa e ao Sr. Bispo de Leiria dois quadros com a representação em metal de ícones da Igreja Ortodoxa. Por sua vez, o Sr. Bispo de Leiria entregou medalhas comemorativas e o álbum da peregrinação do Papa Paulo VI à Fátima.

No Livro de Honra o Patriarca Vasken I deixou escritas as seguintes palavras: «Hoje, dia 10 de Junho, de 1970, pela graça e misericórdia de Deus, visitámos este Santuário trazendo a saudação da nossa santa Sé de Etchmiadizine».

Estas palavras foram escritas na língua arménia.



*Pormenores da visita ao Santuário da Fátima de Sua Santidade o Patriarca Vasken I com outras entidades*

# UM COLÉGIO DIOCESANO NA FÁTIMA

Há cerca de 7 anos que principiou a funcionar, primeiro em edifício da paróquia, e, em seguida, em edifício do Santuário, um colégio de ensino secundário. Nos primeiros anos da sua existência, esteve confiado aos cuidados do Pároco da Fátima, Revmo. Pe. Manuel António Henriques, até que, há dois anos, passou a ser dirigido pelo Rev. Dr. Pe. Joaquim Rodrigues Ventura.

No dia 10, foi solenemente lançada a primeira pedra para o novo Colégio que a Diocese de Leiria vai construir nas imediações do Santuário.

A frequência de alunos foi aumentando a ponto do Senhor Bispo de Leiria decidir agora construir um amplo e novo edifício destinado ao colégio, denominado Colégio Diocesano de S. Miguel. Colocado numa situação magnífica, numa colina sobranceira à Cova da Iria, o colégio, cujo projecto é da autoria dos architectos José de Almeida Negreiros e Pedro Lencastre Ferreira Pinto, disporá de pavilhões para secretaria, aulas, laboratórios, gabinete do director, observatório, etc. Terá capacidade para 300 alunos.

O lançamento da primeira pedra para a nova construção foi precedido da celebração da missa pelo Senhor Bispo de Leiria. Assistiram o Director e professores do Colégio, Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, representantes dos jornais da região, superiores dos seminários, colégios e ordens religiosas locais, os alunos e seus pais e muitas pessoas da Fátima.

Ao evangelho o Senhor Bispo de Leiria recordou o motivo que levou à construção desta obra de carácter diocesano; promover a formação social e cristã da juventude da Fátima e doutras partes que aqui acorre. Depois da missa, foi a cerimónia pròpriamente dita do lançamento da primeira pedra, assinando o pergaminho com a acta o Prelado, sacerdotes, autoridades, professores e alunos.

À noite, no salão de festas do Exército Azul, os alunos do Colégio realizaram uma pequena festa de confraternização.

O Senhor Bispo de Leiria presidiu, no fim, a um jantar em que tomaram parte o presidente da Câmara director do colégio de S. Miguel e director do Externado Afonso Lopes Vieira, da Marinha Grande, muitos sacerdotes, pais e alunos e muitas pessoas da Fátima e Ourém.

## O Senhor Patriarca das Índias festejou na Fátima as suas Bodas de Ouro Sacerdotais

Recolhido no silencioso ambiente de sobrenatural da Capela das Aparições celebrou no dia 20 de Junho as suas bodas de ouro sacerdotais, o senhor D. José Vieira Alvernaz, Venerando Arcebispo de Goa e Damão e Patriarca das Índias Orientais.

A missa foi concelebrada com seu irmão, Rev. P. Manuel Vieira Alvernaz, Pároco de Turlock, na Califórnia, e com o Rev. P. José de Avila, professor de música e companheiro de ordenação há 50 anos. )

Tomaram parte no acto o Sr. Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio e Mons. Avelino Gonçalves, director do «Novidades», ambos contemporâneos de D. José Vieira Alvernaz, na Universidade Gregoriana, de Roma, o Dr. Caetano Xavier Furtado, director do Jardim Botânico de Singapura, o dr. Higinio Borges, director da Imprensa Nacional, a irmã mais velha de D. José Alvernaz, D. Perpétua Brum e mais 15 parentes que vivem em várias cidades da Califórnia e que vieram de propósito associar-se à festa.

No fim da missa o Senhor Patriarca das Índias agradeceu a presença do Senhor Bispo de Leiria e dos amigos nesta festa íntima e distribuiu lembranças das suas bodas de ouro sacerdotais.

Sua Santidade o Papa Paulo VI enviou ao Senhor D. José Vieira Alvernaz, uma carta de felicitações pelo cinquentenário da sua ordenação sacerdotal.

# VIDA DO SANTUÁRIO

## OITO SACERDOTES DE BADAJOZ

*Estiveram numa das Casas de Retiros desde o dia 30 de Junho, oito sacerdotes da diocese de Badajoz que escolheram o Santuário da Cova da Iria para a realização do seu retiro espiritual anual. O conferente foi o Rev. P. Inácio Prieste, jesuíta, de Badajoz. Os sacerdotes são Párocos dessa cidade e dos arredores.*

## CLERO DE ÉVORA

*Sob a presidência do Sr. D. David de Sousa, Arcebispo de Évora, 30 Sacerdotes desta arquidiocese fizeram no Santuário o retiro anual. O conferencista foi o Rev. P. António Martinez Dorado, jesuíta, da cidade de Sevilha (Espanha).*

*Além de temas de carácter espiritual os sacerdotes trataram durante o retiro de temas de pastoral nomeadamente no que diz respeito à Paróquia.*

## BODAS DE PRATA SACERDOTAIS

*Com missa celebrada na Capela das Aparições festejou na Fátima as bodas de prata sacerdotais o Rev. P. Manuel Antunes Vaz, director do Externato de Ilhavo.*

## REUNIÃO DO CAPÍTULO PROVINCIAL DA CONGREGAÇÃO DOS PADRES REDENTORISTAS

*Durante duas semanas estiveram reunidos na Cova da Iria 25 sacerdotes da Congregação Redentorista a fim de estudar a actualização das actividades de Pastoral no âmbito desta Congregação nas Casas que possui na metrópole e no Ultramar. O Capítulo é formado pelos sacerdotes da Província Portuguesa: 7 do Porto, 3 de Vila Nova de Gaia, 3 de Castelo Branco, 1 de Guimarães, 6 de Lisboa, 1 de Lagos, 1 da Damaia, e 1 de Angola.*

*Presidiu a esta segunda sessão do Capítulo Provincial o Provincial dos Redentoristas, Dr. José Antunes Madureira Beça. A reunião terminou no dia 11 de Julho.*

*— De 6 a 11 do corrente realizaram o retiro anual 42 sacerdotes da diocese de Leiria e 32 da diocese de Portalegre e Castelo Branco.*

*Dirigiu os exercícios do clero da diocese de Leiria o Sr. D. Alberto Cosme do Amaral, bispo auxiliar de Coimbra e os da diocese de Portalegre e Castelo Branco o P. Orlando Mota, Pároco da Cedofeita do Porto.*

*A ambos os retiros assistiram os Prelados das duas dioceses Senhores D. João Pereira Venâncio e D. Agostinho de Moura.*

## MUSEU DE ROSÁRIOS

Existe em Espanha um museu original em honra da Virgem da Fátima. É constituído por 263 rosários enviados do mundo inteiro, por personalidades católicas, protestantes e ortodoxas de maior relevo.

É seu fundador D. Paulino Diaz, Alcaide de Aroche, na provincia de Huelva. O museu foi inaugurado em 26 de Junho de 1967 pelo Bispo de Huelva. Ali são guardados rosários oferecidos pelo Papa Paulo VI, por Núncios Apostólicos, por diversos Cardeais, desde os de Espanha ao Primaz da Polónia, por sacerdotes, Gerais de Ordens e Congregações religiosas, Chefes do Estado, ministros, embaixadores, Bispos de vários países, de abadias, mosteiros, santuários e de várias outras personalidades.

Ali se encontram também rosários enviados pelo Arcebispo Ramsey, de Canterbury «Inglaterra», do Patriarca Athenágoras, do Arcebispo Makários, de Roger Schutz, da Comunidade de Taizé. Outros foram enviados pelos Reis da Bélgica, pelos Reis de Espanha, pelos príncipes de Mónaco, etc. Os rosários são feitos de bolotas, carochos de frutas, avelãs americanas, ossos de Damasco, pétalas de rosas, madeira, vidro, etc.

O Santuário ofereceu a este museu de Aroche uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

## OS MEMBROS DA EMBAIXADA DAS FILIPINAS NUMA PEREGRINAÇÃO

A fim de suplicar pela Paz e pelo bom êxito da visita do Papa Paulo VI às Filipinas, anunciada para o próximo mês de Novembro, estiveram no Santuário os membros da Embaixada das Filipinas no nosso País.

Entre estes contavam-se o Encarregado de Negócios Sr. Constante V. Batton e esposa, os adidos comercial e cultural, a esposa do antigo embaixador Augusto Potier e vários outros funcionários da Embaixada e pessoas de família.

Além de tomar parte numa missa, o pessoal da Embaixada rezou diante da imagem de Nossa Senhora da Fátima pelas intenções que o trouxeram ao local das aparições.

## PAULO VI EM FÁTIMA

O Santuário editou um lindo álbum com muitas gravuras a cores como lembrança desse acontecimento

Cada família portuguesa deve ter um  
Peça-o já a

«FÁTIMA 50»  
SANTUÁRIO DE FÁTIMA



## Peregrinação nacional dos doentes a Fátima

Organizada pela Comissão Nacional de Doentes, da Acção Católica Portuguesa, realizou-se nos dias 20 e 21 de Junho, sábado e domingo, a peregrinação nacional de doentes com a participação de cerca de 200 provenientes dos Hospitais, Casas de Saúde, Instituições de Assistência e casas particulares, de Lisboa, Porto Leiria, Aveiro, Coimbra, Portalegre, Castelo Branco, Faro e Lamego.

Presidiu a esta peregrinação o Senhor Dom António Ribeiro, bispo de Tígilava e presidente da Comissão Episcopal do Apostolado dos Leigos.

Os doentes vieram para a Fátima em ambulâncias, camionetas e automóveis, acompanhados de pessoas de família. Foram alojados no Hospital do Santuário e aqui carinhosamente assistidos por diversos médicos, enfermeiros e enfermeiras, sacerdotes e membros da Pia União dos Servitas.

No sábado à noite todos os doentes foram conduzidos para a capela das Aparições, para tomarem parte na procissão de velas e ali reunidos, ouviram uma evocação da História das Aparições da Fátima e rezaram o Terço.

Na manhã do domingo, os doentes estiveram reunidos por grupos no salão da Casa dos Retiros, a preparar-se para tomarem parte na missa que foi celebrada na Colunata da Basílica.

Para ali foram levados todos os peregrinos. Foi celebrante Dom António Ribeiro que concelebrou com 4 sacerdotes, entre os quais o P. Victor Franco, capelão-mor dos Hospitais civis de Lisboa.

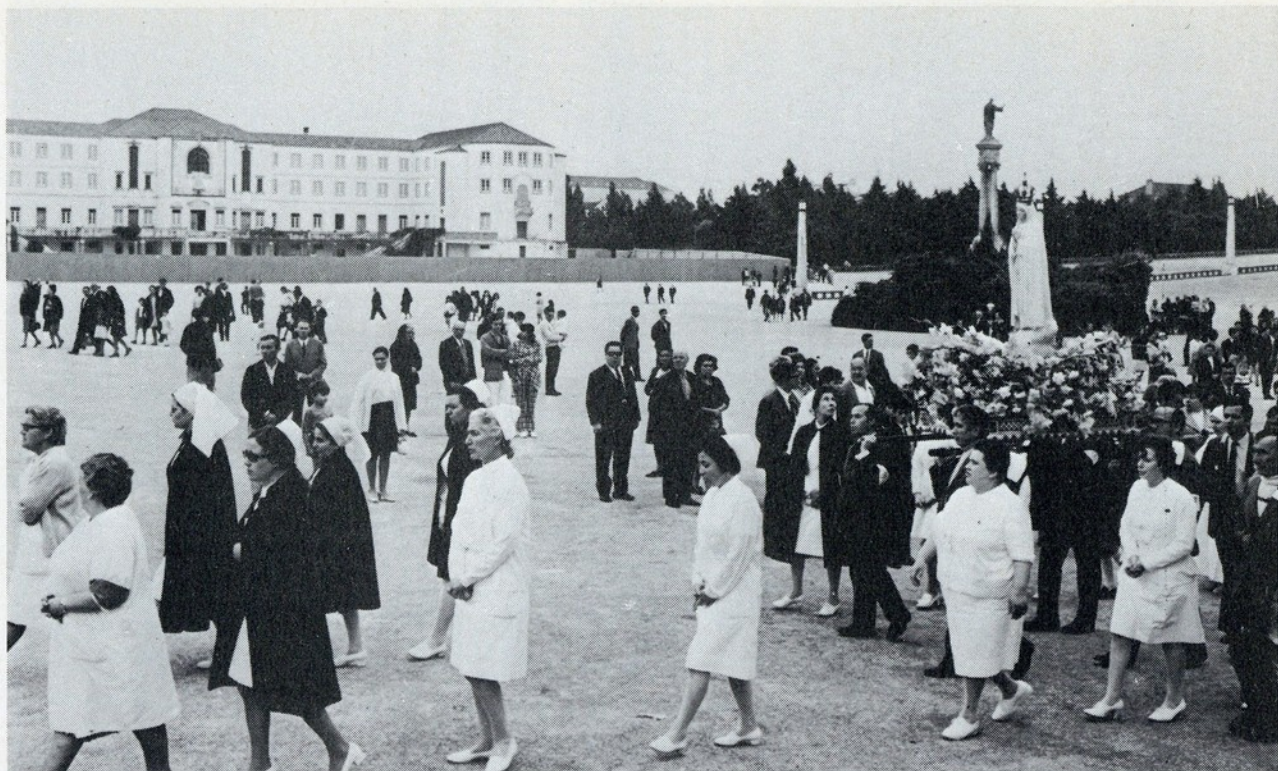
Ao Evangelho o celebrante proferiu palavras alusivas à Mensagem do Concílio do Vaticano aos doentes e à circunstância da presença na Fátima, em jornada de penitência oração e conversão.

Comungaram muitos peregrinos e, no fim, o Sr. Dom António Ribeiro deu a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Organizou-se finalmente a procissão com a imagem de Nossa Senhora que passou por entre as filas de enfermos.

Como lembrança da peregrinação o Reitor do Santuário entregou a cada participante um terço que o Sr. Bispo de Tígilava benzeu.





*Aspecto da Peregrinação  
Nacional dos Doentes  
na Fátima*



# O CARÁCTER OBJECTIVO PROFÉTICO DAS ÚLTIMAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA

Já leu o «Tratado da verdadeira devoção à SS.<sup>ma</sup> Virgem» de S. Luís Maria Grignon de Montfort? Foi aí que ele (1673-1716) escreveu: «Foi pela Santíssima Virgem que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por Ela que Ele deve reinar no mundo». Estas palavras com que o livro abre resumem ao mesmo tempo, de forma admirável e esclarecem de maneira singular, o verdadeiro carácter das aparições de Nossa Senhora nos séculos XIX e XX.

S. Luís Maria de Montfort, apóstolo e profeta, no século XVIII, do «Grande Reinado de Jeus e Maria», anunciou a «Era Mariana», iniciada há mais de cem anos e que deve desenvolver-se e ampliar-se cada vez mais, para preparar o regresso glorioso de Cristo no fim dos tempos.

Para maior clareza num assunto que hoje provoca a reacção até de certos teólogos católicos, vamos dividir o nosso modesto trabalho em três pontos:

1.º) As últimas aparições de Nossa Senhora, desde o século XIX até à nossa época, preparam para breve um grande triunfo da Igreja e de Cristo e anunciam também a aproximação do regresso glorioso de Cristo.

2.º) Estas aparições, pelo menos as principais, como Lurdes e Fátima, *supõem uma presença corporal e objectiva da Santíssima Virgem*, que desceu realmente do Céu, para preparar o triunfo de Cristo no mundo e o seu segundo advento.

3.º) O carácter profético, digamos escatológico (quer dizer anunciador das «escata», isto é, dos últimos tempos do mundo) das aparições mais recentes de Nossa Senhora, e o facto de uma presença real e corporal de Maria nestas aparições, justificam a manifestação e representação da Santíssima Virgem sem a companhia, na maior parte das vezes, do seu divino Filho.

Este último ponto, que levanta dificuldades da parte dos nossos Irmãos protestantes, (1) parece-nos uma consequência dos dois primeiros. Visto com este ângulo, podia, pensamos, afastar estas preditas dificuldades, e mesmo resolvê-las de uma maneira satisfatória. Com efeito, eles pensam e dizem que, aparecendo sem Jesus, seu Filho, Nossa Senhora parece atrair demasiado sobre si a atenção do Povo de Deus, e assim prejudicar, de certa maneira, o culto devido a

Nosso Senhor Jesus Cristo, centro de toda a religião cristã.

Tentemos, portanto, esclarecer, antes de mais nada, o primeiro e o segundo ponto deste ensaio histórico-teológico.

## I

### O CARÁCTER PROFÉTICO E ESCATOLÓGICO DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA NOS SÉCULOS XIX E XX

Fala-se muito hoje, não sem razão, da «aceleração da história». É verdade que estamos a assistir, em nossa época, a uma evolução rápida e inaudita da humanidade.

A «última revolução técnica» encurta as distâncias de maneira prodigiosa, aproxima os povos, de tal maneira que vamos para a unificação progressiva e inevitável da humanidade, unificação inconcebível no fim do século XIX e mesmo no início deste século.

Os últimos documentos pontifícios, «Mater et Magistra», «Pacem in Terris», «Populorum progressio», notam esta transformação acelerada do mundo e sublinham o facto de todos os problemas económicos, sociais, políticos se apresentarem hoje, cada vez mais, à escala mundial.

A encíclica «Pacem in terris» fala, repetidas vezes, dos «sinais dos tempos», expressão evangélica, empregada por Nosso Senhor para atrair a atenção dos seus contemporâneos sobre o primeiro advento do Messias anunciado pelos profetas.

Ora, hoje, os «sinais dos tempos», se sabemos interpretá-los à luz do Evangelho e dos ensinamentos de S. Paulo, manifestam, cada vez mais, a proximidade do segundo advento de Cristo.

Não se trata de acreditar nos sonhos dos «Adventistas» e de tentar marcar a data e o dia deste segundo advento. Os que querem fazê-lo, são, diz S. Tomás de Aquino, «os mais presunçosos dos homens», pois Nosso Senhor, no Evangelho, disse-nos que «ninguém sabe o dia nem a hora (deste acontecimento), nem os Anjos do Céu» (Mt. 24, 36). Todavia, como o primeiro advento de Cristo foi anunciado por aqueles «sinais dos tempos», de que Jesus falava, censurando os Fariseus e Saduceus por não saberem interpretá-los (Mt. 16, 4), assim, na nossa

época, multiplicam-se, podemos dizê-lo, os «sinais dos tempos» que anunciam como próximo o segundo advento de Cristo.

O mais surpreendente e espectacular é o regresso em massa do povo judeu à terra dos seus antepassados e a constituição, na Palestina, de um Estado de Israel, cuja capital é agora efectivamente Jerusalém depois da «guerra dos seis dias» de 1967, que permitiu aos Israelitas recuperar todo o território situado entre o Jordão e o mar Mediterrâneo. É a primeira vez desde a dispersão dos Judeus, no primeiro século da nossa era, que os Israelitas têm conseguido fazer de Jerusalém a capital verdadeira de um Estado judeu independente e ter um chefe de Estado e um governo em Jerusalém, em plena liberdade. No tempo do primeiro advento de Cristo, não se deve esquecer, a Palestina estava submetida à dominação romana e o último soberano que reinou sobre todo o Israel, Herodes o Grande, nem era judeu de nascença. Hoje vemos restabelecido um verdadeiro «Reino de Israel», na Palestina, um Estado independente com Jerusalém como capital oficial efectiva. Não será isso a realização do que Jesus anunciava aos Apóstolos, antes da Sua Ascensão ao Céu, quando Lhe perguntaram se «restabeleceria logo o Reino de Israel»? Isso, respondeu Jesus, não deve acontecer senão «nos tempos e momentos fixados pelo poder do Pai» (Act. 1, 6-8). Estes «tempos e momentos» não são os tempos que vivemos agora?

Para os Apóstolos, sem dúvida, o restabelecimento do Reino de Israel devia ser o sinal e o penhor do segundo Advento de Cristo na glória. Ora este sinal está agora diante de nós bem visível, inegável. Dirão, talvez, que este novo Estado de Israel continua frágil e ameaçado, que mais de metade dos Judeus de Israel são descrentes e que o seu messianismo é puramente nacionalista e político. O caso é, porém, que dois milhões e meio de Judeus reunidos na Palestina, em plena liberdade, depois de mil e novecentos anos de dispersão e de exílio, e tendo de novo como capital Jerusalém. É um facto inegável que nos obriga a reflectir.

Mas há outros sinais, além disso, que parecem anunciar a aproximação do fim dos tempos e do regresso glorioso de Cristo. Sobretudo dois: 1.º — *o facto de o Evangelho ser pregado agora praticamente no mundo inteiro*. «Então virá o fim», disse Jesus (Mt. 24, 14), 2.º — *o facto da «apostasia» generalizada*, à qual assistimos hoje, até e sobretudo nos países de antiga Cristan-

dade, e que parece estender-se cada vez mais rapidamente. Na sua 2.ª Epístola aos Tessalonicenses, S. Paulo marca a «apostasia», a *rejeição de Deus*, como o sinal precursor do aparecimento do Anticristo, o «homem da iniquidade» que deve concentrar em si todas as forças inimigas de Deus e «encarnar» em si mesmo, se se pode dizer, o «mistério da iniquidade», que actua sempre no mundo, mas deve manifestar-se mais violenta e universalmente no fim dos tempos (2 Tes. 2, 3-12).

O quadro pintado por S. Paulo na 2.ª Epístola a Timóteo da humanidade dos «últimos tempos» não há dúvida, é muito parecido com a época em que vivemos: «Fica a saber diz S. Paulo, que, no fim do tempo, sobrevirão tempos perigosos, porque haverá homens egoístas, avaros, altivos, soberbos, blasfemos, desobedientes aos seus pais, ingratos, malvados, sem afeição, sem paz, caluniadores, incontinentes, desumanos, sem benignidade, traidores, protervos, orgulhosos e mais amigos dos prazeres do que de Deus, tendo uma piedade aparente mas não real... Virá o tempo em que muitos não suportarão a sã doutrina, mas multiplicarão para si mestres conforme os seus desejos, levados pelo prurido de ouvir. E afastarão os ouvidos da verdade e aplicá-los-ão a fábulas...» (2 Tim. 3, 1-5 e 4, 3-5).

A mesma unificação da humanidade a que já nos referimos, e que os documentos pontifícios consideram justamente como a característica dos tempos presentes, não parecerá preparar o combate supremo (a luta final «cantada pela» International) que será a última perseguição geral contra a Igreja, numa humanidade submetida a um poder único, muito mais forte e poderoso do que foi outrora o Império Romano no seu apogeu?

O Papa S. Pio X, no começo deste século, o Papa Pio XI, antes da segunda guerra mundial, notaram o que havia de absolutamente novo, em nosso tempo, na luta movida pelo ateísmo contra Deus: «*Pela primeira vez na história*, escrevia Pio XI, estamos a assistir a uma luta do homem friamente decidida e sãbiamente preparada «contra tudo o que é divino» (2 Tess. 2-4) (encíclica «Divini Redemptoris», n.º 22).

Vistos estes «sinais dos tempos» à luz da fé parece que caminhamos a passos largos e com velocidade progressiva para «o fim dos tempos», tal como Jesus predisse no Evangelho, tal como S. Paulo o descrevia aos primeiros Cristãos.

— Aqui, porém, depara-se-nos um elemento novo na história da Igreja, e que devemos interpretar como um aviso especial para o nosso tempo: As *aparições repetidas da Santíssima Virgem, desde 1830 até aos nossos dias*. Falamos unicamente aqui das aparições reconhecidas como autênticas pela Igreja.

Em 1830, na rua «du Bac», em Paris, Nossa Senhora disse a Sta. Catarina Labouré, na primeira aparição (Julho de 1830): «*Os tempos são muito maus*». S. Paulo já dizia aos primeiros Cristãos: «Os dias são maus» (Ef. 5, 16). Mas, a partir de meados do século XIX, a Virgem Santíssima avisa-nos: os tempos tornam-se «muito maus». Foi, de facto, o momento em que se preparava, além das revoluções políticas passageiras, o *marxismo ateu*, que iria publicar em breve o seu primeiro «Manifesto» (1848). Esta doutrina foi imediatamente condenada por Pio IX, como capaz de destruir toda a ordem social. Mas, ao mesmo tempo, começa também a «*Era Mariana*», anunciada por S. Luís Maria de Montfort, no século precedente.

O seu início foi a difusão extraordinária da «Medalha Milagrosa» e a propagação, por todo o Mundo, da Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, principalmente pela acção dos Missionários.

Pode dizer-se que essa época abre a primeira fase do duelo decisivo, do combate final, entre Aquela que deve «esmagar a cabeça da serpente» (Gn. 3, 15) e «a antiga Serpente» (Apoc. 12, 9) cada vez mais desenfreada contra o mundo, por causa da malícia dos homens. Na «Medalha Milagrosa», revelada a Santa Catarina Labouré na Aparição de 27 de Novembro de 1830, a Virgem Santíssima aparece esmagando a cabeça de uma serpente monstruosa que nos seus anéis envolve o globo inteiro.

Lá vemos a imagem expressiva da batalha terrível travada, não só agora entre «os filhos de Voltaire e os filhos dos Cruzados» como dizia Montalembert, mas sim entre o marxismo ateu, que se estava a desenvolver cada vez mais no Mundo, e a Igreja católica, ajudada e amparada pela Mãe de Cristo, que é também a sua Mãe espiritual. No nosso tempo, estamos a aproximar-nos, cada vez mais, parece, da fase decisiva deste combate, em que só os filhos fiéis da Mãe de Deus poderão triunfar dos ataques e ciladas do inimigo de género humano.

As aparições de «La Salette» (1846), de Lourdes (1858), de Pontmain (1871), da Fátima (1917), de Beauraing et de Banneux (1932-1933) e, finalmente, as lágrimas misteriosas da imagem do Coração Imaculado de Maria, em Siracusa (1953), são as intervenções mais importantes de Maria, Mãe de Misericórdia, para com a humanidade que caminha para a perdição e cujos crimes chamam, cada vez mais, os castigos de Deus. A razão de ser destas aparições é, ao mesmo tempo, dar a muitas almas a faculdade de escapar à perdição eterna, preparar um novo triunfo da Igreja antes do fim dos tempos e anunciar a aproximação do regresso glorioso de Cristo.

## NA FÁTIMA

Na Fátima, no dia 13 de Julho de 1917, Nossa Senhora prometeu «*algum tempo de paz*» (... «será concedido ao Mundo *algum tempo de paz*»), pelo triunfo do Coração Imaculado de Maria, depois da conversão da Rússia. Trata-se, portanto, não do triunfo final de Cristo, no fim do mundo, mas de um triunfo especial e provisório, que deve preceder e anunciar o triunfo definitivo de Cristo sobre o pecado, o Demónio e a morte, no seu regresso glorioso no fim dos tempos.

Sta. Hildegarda (séc. XII), Sta. Brígida (séc. XIV), Maria des Vallées (séc. XVII), S. Luís Maria Grignon de Montfort (séc. XVIII), a Beata Ana Maria Taigi (séc. XIX) predisseram, em termos bastante semelhantes, uma «*grande conversão do mundo*», antes da vinda do Anticristo e da última perseguição contra a Igreja, nos últimos tempos. S. Paulo, na 1.<sup>a</sup> Epístola ao Tessalonicenses, parece fazer alusão a esse tempo de «*paz e segurança*» (1 Tes. 5, 13), em que se preparará secretamente a maior perseguição contra a Igreja, pela aparição do Anticristo, que começará a surpreender e a seduzir as almas imprudentes «por toda a sorte de sinais e prodígios mentirosos» (2 Tes. 2, 9).

Ao comparar estas predições com as palavras de Nossa Senhora nas suas principais aparições mais recentes, e sobretudo na Fátima, podemos concluir que estamos chegados à penúltima fase do grande combate entre Cristo e Satanás. Embora as forças do mal nos pareçam já terrivelmente desencadeadas no tempo em que vivemos, não devemos pensar, contudo, na aparição próxima do Anticristo e na iminência da perseguição final contra a Igreja.

Sabemos pela voz de almas inspiradas que a Igreja será salva dos perigos presentes por uma intervenção directa de Deus, «*que restabelecerá a ordem no mundo e na Igreja com a manifestação do seu poder*». Assim o predisse, no século passado, a Beata Ana Maria Taigi, que faleceu em 1837 e foi beatificada pelo Papa Bento XV em 1920, depois da primeira guerra mundial. Sta. Hildegarda, Sta. Brígida, Sta. Catarina de Sena e a mesma Beata Ana Maria Taigi anunciaram todas, para a Igreja e para o mundo, depois de provas terríveis, um tempo extraordinário de paz e de prosperidade, ao mesmo tempo espiritual e temporal, que, disse especialmente Sta. Hildegarda, precederá de pouco a última perseguição da Igreja e o fim do mundo. É isso que Nossa Senhora parece também ter anunciado Ela mesma na Fátima, prometendo «algum tempo de paz», depois da conversão da Rússia.

Os últimos Papas, Pio IX, Leão XIII, S. Pio X, Pio XI, Pio XII, João XXIII, não há dúvida, viveram na expectativa deste triunfo da Igreja sobre os seus inimigos. Daí as suas palavras cheias de optimismo sobrenatural, diante dos acontecimentos mais tremendos que tiveram de enfrentar. E o Papa Paulo VI que conhece, como o Papa João XXIII, a última parte do segredo da Fátima, apesar do estado tão angustioso da Igreja e do mundo em nossos dias, conserva a mesma serenidade e confiança quanto ao futuro da Igreja e do mundo. Na Fátima, no dia 13 de Maio de 1967, diante de mais de um milhão de peregrinos, falava «do quadro que contemplamos com os olhos aterrorizados, mas sempre confiantes...».

E terminava a sua homilia por estas palavras: «Queira Deus que este quadro do mundo nunca mais venha a registar lutas, tragédias, catástrofes, mas sim as conquistas do amor e as vitórias da paz!»

## II

### PRESENÇA CORPORAL DA SSMA. VIRGEM?

Depois de ter esboçado as razões que nos podem levar a ver nas últimas aparições de Nossa Senhora sinais proféticos da aproximação do fim dos tempos, sinais «escatológicos», para empregar uma expressão muito usada hoje, queiramos desenvolver as razões que nos fazem supor uma presença corporal da Santíssima Vir-

gem nas principais aparições dos séculos XIX e XX.

A nosso ver, Nossa Senhora, nestas aparições, veio pessoalmente avisar a humanidade dos castigos tremendos que a ameaçavam e a ameaçam, preparar o triunfo da Igreja num futuro que, razoavelmente, podemos avaliar agora, bastante próximo, anunciar a aproximação do regresso de seu Filho e, sobretudo, manifestar a misericórdia divina para com o mundo por Ele resgatado.

Parece certo que nem todas as manifestações sobrenaturais de Cristo e da Santíssima Virgem exigem necessariamente uma presença corporal da parte d'Eles. Mas, pelo menos, algumas aparições privilegiadas de Jesus e de Maria *parece não se poderem explicar sem esta presença física*.

S. Tomás de Aquino (Summa Theologica III<sup>a</sup> Pars Q. 58-art. 6 ad 3) julga coisa certa ter Cristo descido do Céu, depois da Sua Ascensão, para aparecer a S. Paulo com o Seu corpo glorioso ressuscitado. S. Paulo, diz ele, não podia dar-se (1Cor. 9, 1 e 15, 8) como testemunha da Ressurreição de Cristo, do mesmo modo que os outros Apóstolos, se não visse Cristo «*corpóraliter praesentem*» («corporalmente presente») no caminho de Damasco. A Ascensão de Cristo, acrescenta ele, não se opõe ao facto de «Cristo, por uma disposição especial, de vez em quando, descer, à Terra, seja para Se manifestar a todos, como fará no dia do juízo final, *seja para Se manifestar a alguém em particular*». Na objecção (ad 3<sup>um</sup>) S. Tomás parece admitir, de facto, que Cristo «Se manifestou na Terra a muitos outros Santos depois da Sua Ascensão».

Depois da definição dogmática da Assunção da Santíssima Virgem, nós católicos, temos a certeza de que Nossa Senhora deixou este mundo com o seu corpo ressuscitado, como Cristo. Pode portanto admitir-se que, como Ele, *desceu às vezes do Céu, para se manifestar corporalmente cá na Terra*. Penso que foi isso que realmente aconteceu nas principais aparições de Nossa Senhora nos séculos XIX e XX.

Examinemos os factos. Quanto à primeira aparição da rua do Bac, em Julho de 1830, parece que não pode haver dúvida, pois Nossa Senhora sentou-se na capela das Irmãs, na cadeira do capelão e Sta. Catarina Laboureé (ela mesma o disse) *pôs as mãos em cima dos joelhos da Santíssima Virgem*. Não se trata, portanto, só de uma visão da Virgem (como será a visão da «Medalha milagrosa» no dia 27 de Novembro

seguinte), mas de uma *presença corporal*, palpável, de Nossa Senhora, semelhante à aparição de Cristo ressuscitado aos Apóstolos no cenáculo.

Em La Salette, também parece ter havido, uma presença corporal de Maria. Maximino e Melânia têm diante de si, muito perto deles, uma pessoa viva, que se senta, se levanta, anda, fala, chora e se eleva finalmente pouco a pouco, para o Céu, onde desaparece, como Cristo no momento da Ascensão.

O mesmo se diga de Lourdes. É igualmente uma pessoa viva que Bernardete vê: «Je l'ai vue avec mes oeils (sic)», dizia ela no seu mau francês («Vi-a com os meus olhos»), para sublinhar o carácter objectivo e real da aparição. Não tocou ela em Nossa Senhora, como Sta. Catarina Labouré, na rua du Bac, mas a visão não era só uma imagem, como alguns pretenderam.

Em Pontmain, de certo, a visão que se manifesta às crianças, no céu escuro do Inverno, apresenta-se mais longínqua e misteriosa.

Pelo contrário, na Fátima (a Irmã Lúcia declara-o com precisão nas suas «Memórias»), as crianças encontram-se muito perto da Virgem Santíssima («a metro e meio, mais ou menos», de distância), e tiveram a impressão muito viva da presença corporal de Maria Santíssima, que falava com eles, em carne e osso, cercada de luz intensa, e não só da figura, da imagem de Nossa Senhora.

Em Beauraing, em Banneux, a presença da Virgem parece também objectiva e corporal aos pequenos videntes.

Um pormenor notado pela Irmã Lúcia, no relato que fez ao seu director espiritual (P.º Aparício S. J.) da visão que teve em Pontevedra, em 1925, não permite duvidar da presença corporal de Nossa Senhora, nessa altura, quando Ela veio para cumprir a promessa feita em Julho de 1917, na Cova da Iria: «Virei pedir... a comunhão reparadora dos primeiros sábados». Com efeito, a Santíssima Virgem, escreve a Irmã Lúcia, pôs-lhe a mão no ombro... Trata-se, portanto, do gesto de uma pessoa real, corporal-mente presente ao lado da vidente.

Esta repetida presença corporal da Santíssima Virgem no nosso mundo dá particular importância às últimas aparições de Nossa Senhora e marca bem o seu carácter escatológico, isto é, anunciador da aproximação da segunda vinda do Senhor.

Maria vem pessoalmente visitar o nosso pobre mundo, para provar a realidade da sua existên-

cia corporal além da morte, e elevar o nosso coração para as coisas celestes, mostrando que elas são tão reais e objectivas como as coisas que nos rodeiam.

Não é isso que pensam todos os perêgrinos piedosos de Lourdes e da Fátima, desde os mais humildes Cristãos até às mais altas personagens da Hierarquia eclesiástica, desde os pobres camponeses e camponesas analfabetos, até aos Cardeais da Santa Igreja Romana, que vêm, em espírito de fé, visitar os lugares santos das aparições? Finalmente, se o próprio Papa Paulo VI quis vir à Fátima para venerar o lugar onde a Virgem Santíssima apareceu em 1917, é evidentemente, porque ele acredita, com os mais fiéis da Igreja, que Nossa Senhora lá veio pessoalmente trazer uma mensagem ao mundo.

Alguns teólogos de hoje não conseguiram compreender a significação desta viagem do Sumo Pontífice, e procuraram explicações estranhas e subtis para a justificar. A realidade é mais simples e mais bela. Eu penso que o Papa Paulo VI veio em pessoa rezar à Fátima, com mais de um milhão de peregrinos, porque está convencido, como eles, de que a Virgem Santíssima, em pessoa, também visitou a nossa Terra e desceu corporal-mente a este planalto árido da Serra de Aire.

Mas estas repetidas manifestações da Senhora, na época moderna não significariam que o nosso mundo, envelhecido e desiludido, caminha de uma maneira cada vez mais acelerada para o seu fim, apesar da embriaguez do progresso técnico que o caracteriza, e precisa, mais do que nunca, de levantar os olhos para o Reino de Deus que se aproxima? Não queremos repetir aqui o que já dissemos no primeiro ponto deste pequeno ensaio, mas parece-nos que a vinda corporal, pessoal, de Maria à nossa Terra é um indício, um «sinal dos tempos», que prepara e anuncia a vinda corporal e gloriosa de Cristo, num futuro bastante próximo. Este sinal se junta a muitos outros, que nos dão a entender que o mundo presente vai para o seu fim e que o regresso de Cristo se aproxima.

### III

#### **PORQUE VEM NOSSA SENHORA SEM O MENINO ?**

Este carácter profético e escatológico das aparições de Nossa Senhora nos séculos XIX e XX *explica também, a nosso ver, o facto de a*

*Virgem Santíssima aparecer, na maior parte das vezes, sem o seu divino Filho.*

Não se trata, com efeito, de lembrar somente ao Povo de Deus a sua Maternidade Divina, proclamada no Concílio de Éfeso, em 431, e tantas vezes evocada na Liturgia. Trata-se, agora, de manifestações anunciadoras dos tempos futuros da Igreja e do regresso glorioso de Cristo no fim dos tempos.

A Igreja não está unicamente voltada para o passado, para as suas origens evangélicas. Como o proclamou o II Concílio do Vaticano, no Capítulo VII da Constituição «Lumen gentium» (que precede imediatamente o último capítulo consagrado à Santíssima Virgem), a Igreja, com o decurso dos séculos, volta-se, cada vez mais, para a consumação final, para «o tempo em que serão renovadas todas as coisas».

É nesta perspectiva, cremos, que se devem situar as numerosas aparições de Nossa Senhora nos tempos modernos. Maria não é só a Mãe do Filho de Deus, que n'Ele encarnou há perto de dois mil anos. Maria, primeiro, sobreviveu a seu Filho nesta Terra. Depois da gloriosa Ascensão de Cristo ao Céu e o anúncio do Seu regresso no fim dos tempos, Ela, *sòzinha*, cuidou matematicamente da Igreja nascente. Depois da sua Assunção ao Céu, em corpo e alma, Ela continua a sua missão maternal sobre a Igreja da Terra, a missão solenemente proclamada pelo último Concílio, e ainda mais expressamente reconhecida pelo Papa Paulo VI, no encerramento da terceira sessão deste Concílio, quando, com o aplauso entusiasta de todos os Padres, lhe deu o título de *Mãe da Igreja*.

Na rua do Bac, em La Salette, em Lourdes, na Fátima e nas outras Aparições aprovadas pela Igreja, vemos a Rainha do Céu e da Terra visitar o seu povo, o Povo de Deus, falar-lhe do seu Filho, das suas queixas, dos seus desejos, dos seus avisos, dos seus desígnios sobre o mundo. Apresenta-se a nós como Embaixatriz do Rei dos Céus, do Senhor dos Senhores, seu Filho e seu Deus, que Se prepara para acabar a Sua obra no Mundo, pela glorificação eterna dos escolhidos e o castigo definitivo dos ímpios.

O Evangelho não nos deve fazer esquecer o Apocalipse. No momento da Encarnação, a Virgem estava *sòzinha*; apareceu *sòzinha*, mesmo depois da Encarnação, até ao momento do Nascimento de Jesus, quando já O trazia no seio. Mas, no Apocalipse, Ela, igualmente, aparece primeiro *sòzinha*, no «grande sinal» que anuncia

o combate final de Cristo e dos Seus Anjos com as potestades do Inferno (Apoc. cap. 12). A Igreja Católica, na sua Liturgia (Missa de N. S. de Lourdes e Missa nova da Assunção), vê nesta «Mulher vestida do Sol, com a Lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça» (Apoc. 12, 1), uma figura da Virgem Santíssima, triunfadora do Demónio pelo poder do seu Filho. A Exortação Apostólica de 13 de Maio de 1967, publicada pelo Papa Paulo VI na ocasião da sua peregrinação à Fátima, começa precisamente por estas palavras do Apocalipse «*Signum magnum*», para lembrar a interpretação tradicional da «*Mulher*» do Apocalipse.

Porquê, portanto, estranhar, ficar alguém surpreendido, ou até escandalizado ao ver Nossa Senhora aparecer sem o seu Filho na maior parte das suas manifestações mais recentes?

Maria quis manifestar-se assim, não para tomar o lugar do seu divino Filho, para O fazer esquecer, para, por assim dizer, se substituir a Ele, mas preparar e anunciar o segundo advento de Cristo, quando Ele vier, na Sua glória, acabar a obra da Redenção do género humano.

Maria foi a *Aurora* que precedeu o aparecimento de Cristo, «Sol de Justiça», no Seu primeiro advento. Agora, manifesta-se nas suas aparições como a Aurora do segundo advento de Cristo, quando Ele aparecer finalmente, com todo o Seu esplendor e poder, para o triunfo dos escolhidos e a confusão eterna dos réprobos.

Em vez de nos agarrarmos a acanhado literalismo do Evangelho, no que diz respeito à Mãe de Jesus, em vez de considerar com desconfiança as repetidas aparições de Nossa Senhora, no nosso tempo, e de as julgar como fenómenos adventícios, sem importância real na vida da Igreja — refiro-me apenas às aparições reconhecidas oficialmente pela Santa Igreja — compreendamos estas manifestações como «*sinais dos tempos*», característicos da época apocalíptica em que estamos a viver.

Estamos a ver, já o dissemos, os Israelitas a reunirem-se na Palestina, formarem um novo Estado independente, cuja capital é, de novo, Jerusalém, depois de mil e novecentos anos de dispersão.

Estamos a ver o Evangelho pregado por todo o mundo.

Estamos a ver esboçar-se a «apostasia» geral, predita por S. Paulo como sinal principal da aproximação do Anticristo (2 Tes. 2, 3-4).

Já vimos e vemos erguerem-se figuras gigantes, que evocam, de maneira singular, o Anticristo, o «homem do pecado, o filho da perdição, como diz S. Paulo, o qual se oporá (a Deus) e se elevará sobre tudo o que se chama Deus ou que é adorado ...» (2 Tes. 2, 3-4).

Estamos a assistir à unificação progressiva e acelerada do universo, em que todos os problemas se põem, cada vez mais, da mesma maneira, à escala mundial e apelam para o estabelecimento de uma autoridade política mundial. Além disso, o aumento enorme e acelerado da população do globo, o domínio cada vez mais poderoso da humanidade sobre as forças da natureza, dão-nos a entender, a nós Cristãos, que, dentro de pouco, vai ficar inteiramente realizada a ordem dada por Deus aos nossos primeiros pais, e a Noé depois do dilúvio: «Crescei e multiplicai-vos; enchei a Terra e submetei-a ao vosso domínio» (Gn. 1, 28 e 9, 1).

Em vez de nos assustarmos com o aumento da população mundial como fazem os descrentes, nós, filhos de Deus e «filhos da promessa», não podemos duvidar de que Deus porá fim ao mundo presente, quando a Terra for suficientemente povoada e dominada pelo homem.

Devemos saber interpretar estes «sinais dos tempos» a que assistimos hoje, e considerar as mais recentes aparições de Nossa Senhora também como «sinais dos tempos», que nos advertem da aproximação do fim do mundo e do regresso glorioso de Cristo.

Assim se devem encarar as últimas aparições da Virgem Santíssima, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, Mãe não só do Menino Jesus de Belém, mas de Cristo, «Rei imortal dos séculos» e Juiz supremo da humanidade no último dia deste mundo.

Maria vem como «Rainha e Mãe de Misericórdia» avisar-nos da aproximação dos últimos tempos e da vinda do seu divino Filho para estabelecer o Seu Reino definitivo e eterno. Vem, corporalmente presente, revestida de esplendor e de luz, preparar-nos para o advento glorioso e corporal de Cristo e convidar-nos à penitência, a fim de escaparmos à sentença de condenação pronunciada pelo próprio Jesus: «Se não fizerdes penitência, perecereis todos» (Lc. 13, 3).

Em vez de perguntar: «*Temos de acreditar nas aparições?*» Em vez de dizer e repetir sem fim: «A revelação está acabada, basta-nos o Evangelho, as aparições não são de fé», etc. ... o que é verdade, sem dúvida, de certa maneira,

mas que não pode ser um limite à Onnipotência e à Misericórdia de Deus, nem à acção do Espírito Santo na Igreja, acção que se manifesta, como diz S. Paulo «para utilidade comum» e «como Ele quer» (1 Cor. 12, 7.11), não seria melhor, não será mais urgente acolher dócilmente as mensagens da Virgem Santíssima reconhecidas como autênticas pela Igreja e aproveitar-nos delas humildemente, conforme o convite instantâneo a nós dirigido pelos representantes mais qualificados da Igreja, nossa «Mãe e Mestra?»

Num artigo publicado em «Informations Catholiques Internationales» (1 er Juin 1967 n.º 289 págs. 8 e 9) e cujo título era precisamente «*Faut-il croire aux Apparitions?*» (Devemos nós acreditar nas aparições?) o Padre René Laurentin, para apoiar as suas reservas, especialmente para com as aparições da Fátima, citava a palavra famosa de Dante, lembrada, em 1951, pelo Cardeal Ottaviani, numa declaração destinada a pôr em guarda os católicos contra uma credulidade e curiosidade excessivas em relação a pretensas manifestações sobrenaturais, duvidosas ou falsas: «*Cristãos, não tenhais agitação apressada; não sejais como a pluma levada pelo vento! Tendes o Antigo e o Novo Testamento e o Pastor da Igreja que vos guia. Que isso vos baste para a salvação!*»

Ora, precisamente, o «Pastor da Igreja que nos guia», o Papa Paulo VI, Juiz supremo, neste mundo, da maneira como se devem entender o Antigo e o Novo Testamento, e do «que é bom» em matéria de manifestações sobrenaturais, não há muito que, pelo seu exemplo e pela palavra, na Fátima, na presença de mais de um milhão de peregrinos e de dezenas de milhões de telespectadores, nos convidou a acreditar nas aparições de Nossa Senhora da Fátima e a tomar a sério os pedidos e promessas d'Ela, transmitidos pelos pastorinhos de Aljustrel, e especialmente pela Lúcia, que estava presente ao lado dele na Cova da Iria, neste inolvidável dia 13 de Maio de 1967.

Não queiramos ser mais «católicos» que o Papa, desprezando ou menosprezando o que ele tão pública e tão solenemente declarou digno de apreço e de consideração para o bem da Igreja e do mundo inteiro!

Um servo de Maria

#### *Nota da redacção*

O conteúdo deste artigo é da responsabilidade do autor cujas opiniões respeitamos mas não queremos impor.

# A Urbanização da Fátima

por

*Francisco Pereira de Oliveira*

## XI

### *As Infra-estruturas Urbanísticas*

#### *— Água e Saneamento —*

Em 13 de Outubro de 1930, publicava o sr. D. José Alves Correia da Silva, bispo de Leiria, a célebre Carta Pastoral sobre o culto de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. O local das aparições era descrito pelo Prelado como «pedregoso, sem atractivo de espécie alguma... A Cova da Iria, além de ser uma verdadeira cova, não tinha coisa alguma que atraísse.» E acrescentava:

— «Muitos de vós conheceram o lugar da Cova da Iria, ermo, árido, sem vida. Tendes visto também as construções que ali se estão a fazer, que naturalmente exigem muito dinheiro. Pois bem: até hoje não se abriu uma subscrição, não se pediu uma esmola, não se fez um apelo, em público ou particular, à caridade dos fiéis. As esmolas são oferecidas espontaneamente, quase todas anónimas. Como é grande a força da fé!». <sup>1</sup>

As dificuldades para encontrar um plano de urbanização, tanto para o recinto das aparições como para a povoação da Cova da Iria, eram agravadas pela impossibilidade de encontrar água para o abastecimento das multidões e para as construções.

### A GEOLOGIA

A geologia da região fatimense é formada por terrenos de natureza calcária, abundando, aqui e além, fendas entre as rochas, muitas delas abertas; os chamados algares. Perto da Cova da Iria existem o Algar de Água, junto da estrada que da Cova da Iria segue para a Batalha, a uns dois quilómetros da actual Rotunda do Norte, e, para sul da sede da freguesia, o Algar da Cabeça Alta.

A Dra. D.<sup>a</sup> Maria Lúcia dos Anjos Santos, no seu estudo sobre «aspectos gerais do quadro regional», escreve que «apesar da forte pluviosidade — à volta de 1500 mm. anuais — e apesar do maciço calcário (de que a plataforma de Fatima faz parte) ser um centro de dispersão hidrográfica, a carência de água superficial tem constituído para os habitantes da região um grande problema, sem dúvida o maior, ainda hoje sem solução satisfatória» <sup>2</sup>.

### O POÇO DO SANTUÁRIO

O primeiro cuidado dos encarregados das obras da Cova da Iria foi procurar água. No dia 9 de Novembro de 1921, procedeu-se à sondagem de água a uma distância de uns 40 metros da Capela das Aparições. Os trabalhos foram iniciados de manhã e, ao meio-dia, aparecia água abundante, facto que a todos causava admiração e não falta quem o considere um milagre, pela raridade do precioso líquido em toda a região. Fizeram-se mais duas cisternas abertas na rocha, a água principiou a aparecer com força, em seguida às primeiras chuvas do Outono, enchendo totalmente o vasto reservatório <sup>3</sup>.

Duas particularidades de importância vital caracterizavam a busca de água. Nos santuários dedicados à Mãe de Deus, a água tem tido o carácter de sobrenaturalidade. É através do precioso líquido que Deus se tem servido para conceder milagres de curar enfermos. Atente-se nos casos verificados no Santuário de Lourdes por meio do banho dos enfermos nas piscinas. Também na Fátima se têm verificado várias graças extraordinárias pela aplicação da água.

A outra particularidade é a de matar a sede e ser elemento vital para as construções. De notar que a presença dos primeiros peregrinos no local das aparições despertou imediatamente a prática da venda de água. É, por isso, curioso recordar o que, em 14 de Agosto de



1922, o pároco da Fátima, P. Agostinho Marques Ferreira, mandava dizer ao sr. Bispo de Leiria:

*«Como lá (na Cova da Iria) não há água, várias pessoas a vão vender bem cara [...]. Eu lembrava-me de nos dias 13, enquanto o povo não tivesse água, mandar levar para o local algumas vasilhas com ela a dar a quem quisesse e evitar assim tanta exploração. Dizem-me que só num sítio alguém faz mais de 40.000 rs. em água, e isto dentro do terreno de Nossa Senhora!*

*Mas a maior parte das pessoas que lá vendem são de fora d'esta freguesia e são essas as mais teimosas; eu digo aos da minha freguesia que não vão lá vender coisa alguma, mas dizem que aos de fora dou licença porque vêem que estão lá vendendo.»*

Colhida a água no poço e vedado este, em 13 de Junho de 1924 aparecem ali colocadas 15 torneiras para abastecimento dos peregrinos.

Entretanto, são construídos os muros de suporte da Avenida Central e nas depressões existentes junto do poço são colocadas mais torneiras munidas de púcaros de folha de zinco litografada para que os peregrinos possam facilmente abastecer-se. O Santuário manda fazer milhares de bilhas de folha de zinco e põe-nas à disposição de quem as deseje adquirir. Para muitos pontos de dentro e fora do continente é enviado, pelo correio e pelo caminho-de-ferro, água em bilhas e garrações.

Junto de cada construção surge imediatamente a cisterna ou depósito para armazenagem de água colhida através de caleiras colocadas nos telhados dos edifícios. Constroem-se estes depósitos nos hospitais, nas casas dos retiros e até na própria Basílica; por cima das sacristias faz-se o aproveitamento para armazenagem de água.

O que sucede no Santuário passa-se na povoação. Junto de cada moradia abre-se imediatamente, na rocha viva ou nas taliscas do terreno, o depósito para a recólha de água.

## VÁRIAS SONDAGENS

Particularmente são feitas em diversos terrenos sondagens. Uma senhora de Santarém chega a trazer ao seu terreno o conhecido padre Guerra, que, munido da sua varinha metálica, assegura que existe água em determinados locais, sem se pronunciar sobre a profundidade do caudal. Abre um furo artesiano e, ao chegar à fundura de 150 metros, desiste, por não se vislumbrar indício de água, e, depois de ter gasto algumas centenas de contos de réis, o Seminário do Verbo Divino procura água na sua cerca pelo mesmo processo e desiste igualmente.

Oficialmente são feitas várias tentativas para encontrar água. Duas delas são conduzidas pelo Eng. Albino Neves da Costa que, sendo natural da região de Vila

Nova de Ourém, assegura que no Algar de Água e no cabeço da Fazarga existem grandes lençóis de água. Aponta o caso da chamada Fonte Nova, no vale da Lomba d'Égua, onde, em 1875, foi construída uma fonte por onde desde essa data corre o precioso líquido que dessedenta os rebanhos durante o Verão e rega as belas hortas dos proprietários do vale até Algava e São Sebastião.

O Eng. Neves da Costa consegue um subsídio do Ministério das Obras Públicas, e, entre os anos de 1965 e 1966, faz as últimas tentativas para encontrar nascentes de água na região da Cova da Iria. Tudo em vão.

A aprovação do antepiano de urbanização coloca a falta de água em primeiro lugar. Os três elementos essenciais do urbanismo são: água, saneamento e iluminação. Traçadas as ruas, as avenidas e as praças, havia urgente necessidade de procurar solução para não se cair numa urbanização anacrónica.

Ao pronunciar-se sobre um dos esboços do plano elaborado pelo Arquitecto Cotinelli Telmo e que a Repartição de Estudos de Urbanização diz ter sido elaborado segundo a orientação do então ministro Duarte Pacheco, o Conselho Superior de Obras Públicas, no parecer n.º 2708, observa: ... «9.º que se complete o trabalho com o estudo das redes de abastecimento de água, esgotos e instalações assépticas e de iluminação.»

Fizeram-se planos, elaboraram-se estudos, lavram-se despachos ministeriais, deliberações da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, gastou-se dinheiro, mas, somente 50 anos depois da Fátima existir, o Governo da Nação resolveu o problema do abastecimento de água e do saneamento do local frequentado por milhões de pessoas nacionais e do estrangeiro.

Escreveram-se milhares de cartas, ofícios, artigos em jornais portugueses e estrangeiros, mas a resolução governamental só surgia quando a Rádio, a Imprensa e a Televisão anunciaram ao mundo que o Papa Paulo VI seria um peregrino da Fátima no dia 13 de Maio de 1967!

Entretanto podemos fazer a história do abastecimento de água e classificá-la como a fase mais difícil, mas apaixonante, da vida de uma povoação a transformar-se num grande centro urbano.

### *O processo do abastecimento de água*

Tem duas fases este «processo» do abastecimento; uma, aquela que diz respeito ao Santuário e aos peregrinos, e outra, a que trata de abastecer os habitantes da Cova da Iria.

13 de Maio de 1946. Em acção de graças por Portugal ter sido preservado da guerra, as mulheres

portuguesas oferecerem uma coroa de ouro e pedras preciosas à imagem de Nossa Senhora da Fátima, que se venera na Capela das Aparições. O Papa Pio XII manda à Cova da Iria o seu legado, o Cardeal Aloisio Masella, para coroar a veneranda imagem. Uma multidão enorme acorre de todos os pontos.

O Sr. Dom José Alves Correia da Silva, bispo responsável por Fátima preocupa-se com o alojamento de tantos peregrinos, mas a maior preocupação do prelado é a falta de água. Tinha o prelado tanto cuidado em poupar a água que não hesitou uma vez em negar a utilização de um quarto na Casa dos Retiros a uma senhora que se havia esquecido de fechar a torneira do seu quarto, o que causou a inundação do corredor e dos quartos vizinhos e a perda de algumas pipas do precioso líquido.

Durante muitos anos a água do próprio fontanário, que havia entretanto sofrido diversas transformações e sobre o qual se havia colocado a estátua do Coração de Jesus, foi racionada, para poder chegar para todos. Vem conhecida a solicitude com que o encarregado, Sr. José da Assunção, fechava todos os dias, à noite, e abria, de manhã, a torneira que dava passagem de água para as bicas desse fontanário.

Mas, por mais cisternas e depósitos que se construíssem, o problema não se resolvia, antes se complicava. A resolução competia às autoridades responsáveis pela vida administrativa.

Em 1950, a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização mandou elaborar ao Eng. Alexandre Ferreira Chaves um projecto de abastecimento de água ao Santuário e a algumas povoações do concelho de Vila Nova de Ourém (Atouguia e outros lugares desta freguesia, e aos lugares da Moita, Cova da Iria, Aljustrel, Casa Velha e Fátima desta freguesia). A obra projectada por este técnico consistia na captação da água, na propriedade que a Câmara possuía no sítio denominado Caridade, junto a Vila Nova de Ourém, para a elevar até ao reservatório colocado no monte de S. Gens, nas proximidades de Pinhel, conduta através de montes e vales, por Pinhel, Atouguia, até ao sítio da Relveirinha, vale nas proximidades da Moita Redonda, onde seria construído novo reservatório, e daqui a sua elevação para os depósitos existentes por cima das sacristias da Basílica.

No ano anterior, o Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, em officio n.º 980, de 5 de Julho de 1949, havia enviado, ao Sr. Bispo de Leiria, o officio n.º 1487 de 23 de Abril, da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, respeitante ao abastecimento de água à Cova da Iria, o que havia levado o prelado a responder, em 29 de Julho desse ano, nos seguintes termos:

«Exmo. Senhor D. António Castelino de Sousa e Alvim, Digno Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém. Exmo. Senhor. Devolvo a V. Exa. o anteprojecto do fornecimento de água ao Santuário da Fátima e a outras povoações. Agradeço o interesse de V. Exa. e da Exma. Câmara de Vila Nova de Ourém pelo Santuário da Fátima. Permita-me V. Exa. que faça algumas observações a esse anteprojecto. Talvez não tenham razão de ser, mas não ficaria bem com a minha consciência se as não manifestasse. 1.ª — Pencia-me conveniente fazer novos estudos sobre o caudal, a respeito da quantidade de água que pode fornecer e da sua qualidade. 2.ª — No anteprojecto apenas se faz referência às peregrinações que vão ao Santuário da Fátima em Maio e Outubro. Ora, além destes meses, há muitas peregrinações durante o ano, mas especialmente todos os meses do estio, com uma concorrência média de 20.000 pessoas cada mês. Além disso, o Santuário é frequentado por muitas pessoas que ali vão em peregrinações particulares e a fazer os seus retiros espirituais, podendo computar-se, termo médio, em 150 pessoas diárias. O Santuário está disposto a colaborar, conforme as suas posses, para o bem-estar não só dos devotos que ali vão mas também das outras pessoas. Por isso espero que essa iniciativa vá por diante, com o auxílio de todos. A Bem da Nação. Leiria, 29 de Julho de 1949, a) José, Bispo de Leiria».

A 17 de Maio de 1950, o ministro das Obras Públicas aprovou o projecto, cujo orçamento rectificado se elevou a Esc. 1.588.200\$00.

Antes da aprovação, foi o projecto sujeito ao parecer da Comissão constituída nos termos do art.º 3.º do Decreto-Lei n.º 36 353 de 17 de Junho de 1947, para revisão do projecto de abastecimento de água a «diversas povoações do concelho de Vila Nova de Ourém e ao Santuário da Fátima». Este parecer recebeu o n.º 1.193/A (187/A), e dele destacamos as observações seguintes:

«A — Situação Actual — O Santuário de Nossa Senhora da Fátima bem como os aglomerados a abranger pelo abastecimento de conjunto, previsto, encontram-se localizados na zona calcária do conhecido maciço de Porto de Mós, caracterizado pelas suas desfavoráveis condições hidrogeológicas. Um ou outro poço, simultaneamente com cisternas, sobretudo estas, constituem o deficientíssimo abastecimento existente que, nas estiagens normais e em quase todos os aglomerados, deixa mesmo de existir. Nestas condições, com o recurso de emergência a água de péssimas condições sanitárias, não é de estranhar que, por vezes, surjam casos de febre tifóide, nalguns dos povoados. Parece, portanto, justificada a apresentação do projecto, em apreciação, da autoria do sr. Eng. A. Ferreira Chaves. B — Abasteci-

mento futuro. *Sucintamente, pode-se descrever a obra projectada, como adiante se seguirá, bem como mencionar os elementos base à sua concepção e que são:*

#### Grupo Oriental

Atouguia .....	340 ...	410 ...	550 habit.
Fontainhas .....	250 ...	305 ...	405 »
Mourã .....	120 ...	145 ...	195 »
Murtal .....	235 ...	285 ...	380 »
	<u>945</u>	<u>1145</u>	<u>1530 habit.</u>

#### Grupo Norte

Moita .....	70 ...	95 ...	160 habit.
Moita Redonda ...	450 ...	635 ...	1050 »
Cova da Iria .....	320 ...	455 ...	750 »
Lomba d'Égua .....	125 ...	180 ...	300 »
Fátima .....	300 ...	420 ...	700 »
Aljustrel .....	195 ...	270 ...	450 »
Casa Velha .....	270 ...	380 ...	630 »
	<u>1730</u>	<u>2435</u>	<u>4040 habit.</u>

#### Grupo Sul

Pederneira .....	100 ...	145 ...	235 habit.
Montelo .....	220 ...	310 ...	510 »
Amoreira .....	230 ...	325 ...	340 »
Currais .....	135 ...	190 ...	310 »
Boleiros .....	630 ...	890 ...	1460 »
Chãs .....	50 ...	75 ...	120 »
Maxieira .....	490 ...	690 ...	1150 »
	<u>1855</u>	<u>2625</u>	<u>4325 habit.</u>

*Santuário 500 habitantes (futuros).*

*Número máximo, provável, de peregrinos 500 000.*

Acerca da obra pròpriamente dita, a Comissão observava que «o projecto conquanto preveja, apenas, para a sua 1.<sup>a</sup> fase, a alimentação do Santuário, foi dimensionado para uma solução de conjunto, na qual se integrarão 18 aglomerados que, certamente, um dia mais tarde virão a ser beneficiados com tão importante melhoramento». A distância da conduta era de cerca de oito quilómetros. A Comissão foi constituída pelos Engs. Manuel de Sá e Melo, director-geral dos Serviços de Urbanização, Alfredo Macedo Santos e Carlos Beirão Pereira Monteiro.

Quase vinte anos depois havia de verificar-se que todas as previsões dos técnicos foram ultrapassadas e

que o volume da obra do abastecimento de água à Fátima havia crescido de tal modo que o abastecimento aos 18 aglomerados foi protelado.

O processo foi dividido em duas fases: a primeira dizia respeito ao abastecimento de água ao Santuário e a segunda às povoações das freguesias da Atouguia e da Fátima. Para mais rápida execução da obra, a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização abriu concurso público para adjudicação, por empreitada, da construção. Disto deu conhecimento o director-geral, por officio do seguinte teor:

«*Rev. Reitor do Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Levo ao conhecimento de V. Exa. que, por determinação de Sua Excelência o Ministro, foi, por esta Direcção-Geral, aberto concurso público para a adjudicação, por empreitada, da obra de abastecimento de água ao Santuário da Fátima. Entre os sete concorrentes foi preferido, por despacho de Sua Excelência o Ministro, de 6 do corrente, a Empresa de Construção Ruy Miller, Lda., com sede na Estrada de Benfica, 682-C, Lisboa, cuja proposta, de menor preço, é de Esc. 1.195.195\$50, sendo o prazo de execução de 210 dias. Já foi autorizada a participação parcial, para o ano corrente, de Esc. 200.000\$00, pelo Fundo de Desemprego, ficando para 1951 a concessão dos restantes Esc. 397.500\$00 — o que elevará a 50 % a participação do Estado. Resta agora que essa Reitoria lavre com o referido empreiteiro o respectivo contrato e disponha da verba correspondente aos seus encargos na obra, que é, também, de Esc. 597.500\$00, a despender igualmente em dois anos. Para orientação de V. Exa., junto remeto cópia de um contrato que poderá servir de base à elaboração do que esse Santuário tem de celebrar com o empreiteiro da obra. A Bem da Nação. O Director a) A. Macedo Santos.*»

Este officio, n.º 2877, de 19 de Julho de 1950, era completado com a informação de que, além da verba acima indicada, o Santuário teria de despender ainda 19.252\$50, correspondentes a 50 % do custo da elaboração do projecto.

A adjudicação da empreitada foi comunicada ao reitor do Santuário, em officio datado de 22 de Julho, que dizia:

«*Por despacho de 17 de Julho de 1950, Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas dignou-se concordar com a proposta desta Direcção-Geral no sentido de serem adjudicados à Empresa de Construções Ruy Miller, Lda., os trabalhos da empreitada geral de abastecimento de água ao Santuário da Fátima, visto ter sido esta Empresa que, no concurso aberto nestes serviços em 13 de Junho do corrente ano, apresentou a*

*proposta mais vantajosa no valor de 1.195.195\$50. Tratando-se de uma obra comparticipada pelo Estado em 50 % do seu valor e a executar pela Fábrica do Santuário deverá esta celebrar perante notário o respectivo contrato, do qual deverão constar, além dos termos usuais, os elementos que figuram na nota anexa ao presente officio. Dada a natureza e valor dos trabalhos a realizar, tal escritura torna-se indispensável não só para melhor defender os interesses da Fábrica do Santuário como também os do próprio Estado, participante desta obra. A Bem da Nação. Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, em 22 de Julho de 1950. O Eng. Director-Geral, a) Manuel de Sá e Melo.»*

A obra foi submetida a comparticipação do Estado, conforme comunicação da Direcção de Urbanização do Distrito de Santarém, de 17 de Agosto de 1950. Desse officio constava que à obra designada por «abastecimento de água a diversas povoações no concelho de Vila Nova de Ourém e ao Santuário de N. S. do Rosário da Fátima, «foi, por portaria de 2 de Agosto de 1950, concedida à Reitoria (do mesmo Santuário) a comparticipação de 597.500\$00 pelo Fundo de Desemprego, para execução da obra acima mencionada. O prazo a que se refere a portaria citada, finda em 30 de Abril de 1951. Chamo a atenção de V. Exa. — esclarecia o respectivo officio — para o estabelecido na portaria n.º 9741 (Diário do Governo, 1.ª série, n.º 40 de 18.2.941), que contém instruções relativas ao recrutamento do pessoal para as obras comparticipadas pelo Fundo de Desemprego, bem como para o disposto na portaria n.º 9882 (Diário do Governo, 1.ª série, n.º 203, de 1.9.941), que fixa normas quanto a prazos e fiscalização do Comissariado do Desemprego. A comparticipação obedecia ao seguinte escalonamento: por conta do orçamento do ano de 1950 — 200.000\$00; por conta do orçamento do ano de 1951, 397.500\$00». Assinava o officio da Direcção de Urbanização do Distrito de Santarém o Eng. Jaime Pascoal de Brito.

Em 27 de Julho de 1950, no cartório notarial de Vila Nova de Ourém, a cargo do notário Dr. Luís de Andrade e Silva, foi feita a escritura recomendada pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, entre Ruy Miller de Magalhães, casado, industrial, como sócio e gerente e em representação da Empresa de Construções Ruy Miller, Lda., com sede em Lisboa, na Estrada de Benfica, 682-C, e Padre Amílcar Martins Fontes, solteiro, maior, reitor da Fábrica do Santuário de N. S. da Fátima, devidamente autorizado por despacho do Sr. Ministro das Obras Públicas, lançado sobre parecer da Direcção-Geral dos S. U.. Por esta escritura foi adjudicada à Empresa de Construções Ruy Miller, Lda., a empreitada da obra do abastecimento de água ao Santuário da Fátima, pelo preço de

1.195.195\$50, devendo a referida obra ser realizada nos termos das condições da sua proposta e anexos, e do caderno de encargos que serviu de base ao concurso.

Posteriormente, em 5 de Março de 1951, por meio de escritura, foi trespassada à Sociedade Técnica de Hidráulica CIMIANTO, de Lisboa, a parte da empreitada que compreendia o fornecimento e assentamento da tubagem e acessórios da marca «Cimianto», de acordo com as condições e preços unitários constantes da proposta que apresentou ao concurso, no valor de Esc. 613.200\$30. Este trespasso foi autorizado pelo ministro das Obras Públicas mediante parecer da D. G. S. U.

Os trabalhos da conduta, a partir do Vale da Caridade, foram efectuados com a maior rapidez, de tal modo que, na peregrinação de 12 e 13 de Outubro de 1951 — comemorações do Encerramento do Ano Santo presididas por um cardeal legado do Papa Pio XII —, já corria água no Santuário, suficiente para abastecer os peregrinos.

Foi necessário remodelar a Central da Caridade, colocar nela e na Central da Relveirinha grupos de electrobombas, construir as cabinas para as centrais e para a linha eléctrica, que também foi necessário levar da Cova da Iria para a Relveirinha. Mas havia sido dado o primeiro grande passo para a resolução de tão grande problema.

Ficava, porém, por resolver a segunda fase do projecto do Eng. A. Ferreira Chaves, fase esta que só em 1967 encontraria a solução e daria origem à faceta mais apaixonante da história da urbanização do aglomerado da Fátima.

## FEBRE TIFÓIDE

Entretanto surgiu no Seminário das Missões um foco de doença contagiosa que alertou a Direcção-Geral de Saúde, por virtude da causa se inclinar para o inquinamento de águas.

A Direcção dos Serviços de Salubridade solicitou da Direcção de Urbanização de Leiria elementos para estudar o caso, esclarecendo que: «tendo sido informado que o Santuário da Fátima, além do abastecimento de água recentemente concluído a partir do dreno de Vila Nova de Ourém, tem coexistindo com ele um abastecimento a partir da água das chuvas caídas dos telhados, rogo me informe urgentemente do que se passa e se esse abastecimento «complementar» já existia ou foi adaptado após a inauguração do abastecimento formal. Como é de calcular, as águas das primeiras chuvas arrastam para os depósitos todas as impurezas, pelo que urge eliminar essa origem poluidora, confirmada pelas análises de controlo efectuadas pela Direcção-Geral de Saúde. Mais rogo me informe se o funcionamento da

obra de abastecimento de água ao Santuário tem sido perfeito ou apresenta deficiências».

Os elementos colhidos pelos Serviços de Saúde levaram a Direcção-Geral de Salubridade a elaborar um inquérito e relatório datado de 12 de Setembro de 1952, do qual se ficou a saber:

*«Que por informações dos Serviços Técnicos de Higiene de Alimentação e Bromatologia, sobre casos de febre tifóide registados no Seminário das Missões em Fátima, podem ser atribuídos à água das cisternas utilizadas para consumo, dada a conclusão chegada após os exames e análises efectuados sobre a referida água. Não há, — diz-se nesse relatório — na Fátima, um serviço público de abastecimento de água. A obra feita pertence ao Santuário e não à Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, de modo que colégios, hotéis, pensões e moradias não têm água potável. Apenas o Santuário fornece água a um outro estabelecimento. A água custa a 6\$00 cada metro cúbico e preconiza-se a não utilização das águas das cisternas, mesmo tratadas pelo cloro, como bebida. O que se impõe é voltar ao estudo de um serviço de abastecimento que interesse o Santuário, os colégios, seminários ou congregações, os hotéis, as pensões, as habitações, etc., de todo o local urbanizado.»*

Acrescenta ainda esse relatório:

*«Já em Maio de 1950, no parecer da Comissão que apreciou o projecto e sobre o qual S. Exa. o Ministro, por despacho de 17 do mesmo mês, se dignou aprová-lo, se dizia: «Em virtude do projecto ser omisso no tocante à distribuição de água no Santuário, julga esta Comissão indispensável e oportuno que se proceda, desde já, ao seu estudo, no qual se deverá ter em consideração o traçado de uma rede conveniente, capaz de satisfazer as necessidades de serviço normal e dos dias de grandes peregrinações, localização adequada dos dispositivos de utilização de água para os peregrinos (fontanários e bebedouros) e número conveniente deles, de forma a permitir o seu uso com relativa comodidade. Finalmente, atendendo às grandes obras de transformação que se estão realizando no local, deseja-se frisar que a realização do estudo preconizado é oportuno e de toda a conveniência, a fim de se evitar que possa ser feita qualquer instalação com ramais abastecedores que não satisfaçam ao fim em vista.»*

E concluía:

*«Que, efectivamente, urge quanto antes resolver este problema. Para tal, julgo que a Reitoria do Santuário deverá agir nesse sentido, encarregando um técnico habilitado, de preferência o autor do projecto da 1.ª fase e plano geral, visto ele possuir elementos e dados que lhe permitem resolver mais rapidamente o assunto em questão do que qualquer outro.»*

Estes assuntos foram, pelas Entidades Governamentais, postos à consideração da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, cujo presidente, por officio n.º 1745, de 2 de Dezembro de 1952, os transmitiu ao reitor do Santuário. A Câmara era informada dos casos de febre tifóide verificados, da necessidade urgente de se providenciar para a resolução dos defeitos do actual sistema de abastecimento e da execução da 2.ª fase da obra do abastecimento de água. Era ainda informada a Câmara de que o Santuário havia posto as seguintes questões: quem se encarregará da elaboração do projecto da 2.ª fase, se seria concedida a comparticipação e, ainda, se uma vez realizada a obra, poderia o Santuário fazer a venda da água tal como as câmaras municipais. Nesse officio, o presidente da Câmara transcrevia:

*«Porque o Exmo. Eng.º Director-Geral destes Serviços crê que a execução da 2.ª fase da obra — distribuição de água aos edificios e população circunvizinha da Basílica e extensão do abastecimento às várias povoações concelhias que constam do projecto superiormente aprovado — compete legalmente a essa Exma. Câmara, ao superior critério de V. Exa. mandou submeter a resolução do problema, tão certo é que não é aceitável que os edificios que cercam a Basílica estejam a beber água inquinada, tendo ao pé água potável, nem que as povoações circunvizinhas, tão desprovidas dos mais elementares recursos de água, não possam, também, utilizar aquela que é transportada até junto do Santuário.»*

E a seguir, comunicava o presidente da Câmara a deliberação tomada:

*«A Câmara da minha presidência apreciou este assunto em sua reunião de 20 de Outubro último e deliberou informar a Direcção dos Serviços de Salubridade das dificuldades que o problema apresenta, em face da circunstância de ter sido o Santuário que, em comparticipação com o Estado, custeou a condução da água desde a Estação Elevatória da Caridade até Fátima, pelo que a execução da 2.ª fase da obra por parte da Câmara obrigaria esta a indemnização ao mesmo Santuário da importância gasta. Mais informou aquela Direcção de Serviços de que como solução mais viável do problema se apresentava a concessão a esse Santuário da exploração da distribuição de águas em Cova da Iria aos edificios e população circunvizinha da Basílica e extensão do abastecimento de água às diversas povoações concelhias constantes do projecto superiormente aprovado. Sobre a viabilidade da aceitação dessa concessão pelo Santuário, que esta Câmara poderia vir a fazer-lhe, rogo a V. Revma. se digne dizer o que se lhe oferecer sobre o assunto.»* Assina o officio o Sr. António Castelino de Sousa e Alvim, presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém.

A este officio respondeu o Rev. P. Amilcar Martins Fontes, reitor do Santuário, comunicando que nada podia dizer em definitivo sem conhecer as condições em que a concessão seria feita, o que levou o presidente da Câmara a comunicar em officio n.º 23, de 6 de Janeiro de 1953, que a concessão de distribuição domiciliária de água, em Cova da Iria, deverá obedecer aos princípios estabelecidos na lei, designadamente ao estatuídos no artigo 362.º do Código Administrativo, à obrigação do concessionário executar a 2.ª fase da obra (distribuição de água aos edificios e população circunvizinha da Basilica e extensão do abastecimento às várias povoações concelhias que constam do projecto superiormente aprovado) e, ainda, às demais condições que o Santuário venha a propor e que forem devidamente aprovadas. Para esclarecimento transcrevia o artigo 362.º do Código Administrativo que diz: «1.º — nenhuma concessão a explorar obras ou serviços públicos poderá ser feita, salvo disposição de lei especial, por período superior a vinte anos; 2.º — a concessão, depois de competentemente aprovada a deliberação do corpo administrativo que a resolve, será adjudicada mediante concurso público, cujo programa e caderno de encargos ficarão sujeitos à aprovação das competentes repartições técnicas do Estado; 3.º — as concessões adjudicadas não serão transmissíveis, total ou parcialmente, ainda mesmo por arrendamento, sem prévia autorização da entidade concedente e do Governo; 4.º — em todos os contratos de concessão deve ser previsto o direito de resgate pela entidade concedente ou pelo Estado, a partir, pelo menos, do décimo ano de exploração.»

A resposta do Santuário, enviada em 10 de Janeiro de 1953, era de que «pelo menos por agora não pode este Santuário comprometer-se a fazer a distribuição de água aos edificios e população circunvizinha da Basilica e extensão do abastecimento às várias povoações concelhias que constam do projecto superiormente aprovado, porque não dispõe de meios suficientes para tão grande obra. Podemos, como até agora, — informava o Reitor —, dar água aos habitantes da Cova da Iria, que, a expensas suas, quiserem fazer a conduta até aos seus domicílios e aos que se quiserem abastecer dos fontanários existentes nos terrenos do Santuário».

A Câmara de Vila Nova de Ourém, em reunião de 19 de Janeiro, apreciou a resposta do Santuário, tendo o respectivo presidente informado que «o ponto de vista na mesma exposto não satisfaz, pelo que esta Câmara não poderá, assim, fazer a concessão. No entanto — termina a informação — conviria encontrar uma solução para o problema, dada a sua situação actual relativamente ao Santuário da Fátima.»

Entretanto, voltou o assunto a ser considerado pelo Santuário que, em 6 de Fevereiro, indicou à Câmara

Municipal as bases em que poderá ser feito o abastecimento de água, e que eram:

## I

*A conduta de água desde a Caridade até ao Santuário, a estação elevatória e o posto de transformação da Moita, os grupos electrobombas e todo o equipamento adquirido pelo Santuário continuarão pertencendo ao mesmo Santuário, ficando a seu cargo as despesas de conservação.*

## II

*A Câmara Municipal cede gratuitamente ao Santuário a água de que este necessitar, comprometendo-se o Santuário a dar água ao público, para beber e fins domésticos, em chafarizes no recinto do Santuário.*

*Os edificios pertencentes ao Santuário, mesmo situados fora do recinto, e o Seminário da Diocese serão abastecidos directamente pelo Santuário.*

## III

*A Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém é autorizada a gastar a água de que necessitar, dando ao Santuário uma indemnização correspondente às despesas de elevação da água, seu tratamento e desgaste de material. Esta indemnização é fixada em ... até à estação elevatória da Moita e em ... por m<sup>3</sup>, depois desta estação, preços estes que serão alternados para mais ou para menos logo que se verifique que não correspondem às despesas referidas.*

## IV

*A Câmara Municipal de V. N. O. fornecerá gratuitamente o pessoal necessário para o funcionamento dos grupos electrobombas do Santuário, instaladas na estação elevatória da Caridade.*

Esta proposta não teve deliberação por parte da Câmara, e como, entretanto, ocupasse a presidência do Município de Vila Nova de Ourém o Sr. Dr. Acácio de Paiva, e este manifestasse todo o empenho na resolução do assunto, voltou a ser repetida pelo Santuário, em 6 de Outubro de 1955, acrescida de mais uma base.

## V

*A água será medida no começo da derivação que há-de alimentar a rede de distribuição da Câmara.*

O assunto ficou em estudo. Entretanto as previsões de 1950 eram amplamente ultrapassadas. A água cap-

tada no dreno da Caridade chegava para abastecer os edifícios do Santuário e os peregrinos, mas muitos particulares, alguns Seminários e Casas religiosas, pensões e hotéis haviam pedido ao reitor autorização para ligações de canalização, colocada à sua custa, para o seu abastecimento. Dentro de pouco tempo a Cova da Iria tinha já uma rede de alguns quilómetros. A rede que, em princípio, se destinava apenas, segundo o projecto, a abastecer o Santuário, chegaram a estar ligados 120 consumidores. Além disso, a conduta principiou a ter necessidade de reparações; ao princípio davam-se apenas pequenas roturas, umas derivadas da oscilação do terreno, outras da agressividade da água, mas passados uns 8 anos foi necessário substituir parte da canalização e dos grupos electrobombas. A bombagem era feita de noite, pois, durante o dia, as bombas tiravam água para abastecer Vila Nova de Ourém. A partir de 1956 verificou-se que o dreno abastecedor não tinha água suficiente para as necessidades da Fátima e de Vila Nova de Ourém. Por isso, em 15 de Maio de 1956, o reitor do Santuário informava o presidente da Câmara que: «O dia 13 passado veio provar, como já outros dias de grande peregrinação, que os maquinismos e conduta de água desde V. N. O. a este Santuário são insuficientes para o consumo do Santuário e da povoação. Por esta razão parece-me que o Santuário deve construir um novo dreno e uma estação elevatória na Caridade para seu uso exclusivo. E que a Câmara de V. N. O. deve ter uma conduta e estações elevatórias independentes para abastecimento da povoação da Cova da Iria e outras.»

Mas o grave problema do abastecimento voltava a paralisar nas Repartições Oficiais.

Em 28 de Setembro de 1957 o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, Dr. Acácio de Paiva, enviou ao reitor do Santuário o officio n.º 4629, do qual constava a seguinte proposta de solução: «Em seguimento e conforme conversa tida na manhã de hoje, venho propor a V. Rev. os princípios em que poderá basear-se, a meu ver, o acordo entre esta Câmara Municipal e esse Santuário, para que passe a fazer-se, em termos jurídicos regulares, o abastecimento de água, não só ao Santuário, mas ainda a distribuição domiciliária em Cova da Iria. Como V. Rev. sabe, não pode esta Câmara fazer-se substituir no exercício das atribuições que a Lei lhe cometeu — neste caso concreto, os n.ºs 1.º e 2.º do artigo 47.º do C. A. Certamente o exercício de uma concessão, por parte do Santuário, está fora dos seus propósitos, até porque, economicamente, seria desvantajosa a qualquer. Pondo de lado a hipótese de concessão, na aceção jurídica da palavra, poderia assentar-se no seguinte: todas as instalações de bombagem e adução de água, incluindo o posto

de transformação, bombas, etc., passaria à posse da Câmara. O Santuário passaria a consumidor individual do serviço municipal de águas, mantendo na sua posse todos os ramais ou depósitos, dentro de suas propriedades, nos termos do regulamento de águas, como é permitido a qualquer particular. O Santuário ficava com o direito de perceber uma indemnização que se julgasse justa como pagamento das instalações que agora cedesse. Esta indemnização seria satisfeita pelo fornecimento gratuito de água durante certo número de anos a estipular pelo acordo. O Santuário, como consumidor, comprometia-se ao cumprimento integral das cláusulas do regulamento do serviço de abastecimento de água a Vila Nova de Ourém, que se prevê sejam extensivas ao abastecimento da Cova da Iria. Além disso, de modo especial não permitirá o abastecimento de qualquer, nos seus dispositivos de consumo, que não seja para uso normal no local ou para recipientes de uso pessoal. Se, como se prevê, esta Câmara em comparticipação com o Estado, levar a efeito dentro de pouco tempo um cabal abastecimento de água à Cova da Iria e outras povoações da serra da Fátima, com um caudal superabundante, nessa altura, o acordo de agora poderia ser novamente apreciado em vista à passagem da captação actual e integral da Caridade, bem como todas as instalações adutoras para a posse exclusiva do Santuário, mediante o acordo a que na altura se chegasse. São estas as bases que presentemente me ocorrem e que submeto à apreciação de V. Rev., solicitando se digne pronunciar-se sobre o assunto.»

## A ÁGUA DO AGROAL

A Câmara previa efectuar o abastecimento de água a Vila Nova de Ourém, a algumas povoações do norte do concelho e a Fátima, a partir da nascente do Agroal, sítio, no concelho, que é uma das nascentes do rio Nabão. Para isso chegou a contratar o Eng. Burnay de Mendonça, de Lisboa, para elaborar o projecto, o qual chegou a estar incluído no II Plano de Fomento. Era, sem dúvida, um projecto arrojado e que foi objecto de estudos minuciosos, mas de custo bastante elevado, dada a distância a que ficaria a fonte abastecedora. Estes estudos prolongaram-se por mais de cinco anos. Fizeram-se várias sondagens, cálculos, gastaram-se algumas centenas de contos. Provou-se que o caudal da água do Agroal seria suficiente para o abastecimento previsto sem ocasionar prejuízo de espécie alguma ao concelho de Tomar, mas isso não impediu que as forças vivas deste concelho enviassem, em Fevereiro de 1959, uma exposição contrária ao ministro das Obras Públicas, Eng. Arantes e Oliveira. A Câmara de V. N. O. lamentou o facto e esclareceu o ministro e a opinião pública

que o projecto de abastecer o concelho de V. N. de Ourém e a Fátima com água da nascente do Agroal não causava prejuízo à economia da cidade e concelho de Tomar, mas procurava apenas resolver um problema grave que causava graves prejuízos não só à população do concelho de Vila Nova de Ourém, que necessitava de água para beber e não para mover fábricas, mas principalmente para o grande centro mundial de peregrinação o Santuário da Fátima.

A acção do presidente da Câmara Municipal de V. N. O. era apoiada por todo o concelho, pelas suas forças vivas e pela Comissão Regional de Turismo de Leiria, de tal modo que, em 18 de Outubro de 1962, as autoridades concelhias, movidas pela junta de freguesia da Fátima, acompanhadas de muitas centenas de pessoas da Cova da Iria e de outras localidades, reuniram-se nos Paços do Concelho de Vila Nova de Ourém, para manifestarem ao presidente da edilidade o seu apoio nas diligências para a resolução do grave problema da falta de água e a pedirem a intervenção do Governo neste assunto.

### ATTITUDES LAMENTÁVEIS

Esta manifestação ordeira e sem quaisquer pretensões políticas foi pretexto para idênticas manifestações em Tomar, que tiveram o seu auge no dia 29 de Outubro de 1962. Nestas manifestações contrárias ao projecto da Câmara de V. N. O. nem sempre imperou o bom-senso. Foram feitas afirmações menos reventes, por certas pessoas menos crentes, em relação às curas da Fátima atribuídas à água, afirmações que foram repudiadas pelo reitor do Santuário em carta dirigida ao jornal «Cidade de Tomar», onde foram publicadas.

Neste mesmo jornal, em 20 de Janeiro de 1963, apareceu publicado um despacho do ministro das Obras Públicas, «determinando que Fátima seja abastecida de água, até Outubro do ano decorrente, com base em pontos técnica e economicamente aconselháveis existentes nas proximidades do Santuário».

### A CAMINHO DA SOLUÇÃO

Enquanto decorreram todas estas diligências, relatórios, estudos, portarias ministeriais, etc., o Santuário e a população da Fátima viviam horas difíceis. Muitas vezes faltava a água nas torneiras dos fontanários e nas casas dos retiros. Várias camionetas transportavam diariamente depósitos de água para os hotéis, pensões, casas religiosas e particulares, onde faltava, com frequência, água nas torneiras, impedindo os peregrinos de se lavarem; as cozinhas não tinham água para cozi-

nhar os alimentos. Ninguém pensava em tomar banho. Por toda a parte um cheiro nausebundo aguçado por melgas e mosquitos que enchiam os locais onde se situavam as fossas cépticas. Em vão se escreviam artigos em jornais e se escreviam cartas aos poderes públicos. Contudo, ao local das aparições afluíam cada vez em maior número multidões de peregrinos de todos os pontos do mundo.

Ao sistema de abastecimento privativo do Santuário haviam já ligado 150 consumidores entre Seminários, casas religiosas, hotéis, pensões e particulares. Para ajuda das despesas com a elevação e distribuição da água cada consumidor entregava à Administração do Santuário 6\$00 por cada metro cúbico de água que passava pelos contadores instalados na rede construída à custa de cada consumidor. A água rareava constantemente pelo que teve de ser adoptado o sistema de abastecimento, de noite, para um ramo e, de dia, para outro ramo. Aos particulares eram apenas cedida a água que sobrava depois do Santuário estar abastecido. Para isso havia um depósito na sacristia da Basílica que se destinava exclusivamente ao Santuário e quando este se encontrava cheio deitava as sobras para outro depósito destinado ao abastecimento da povoação.

Procurava-se a solução por três caminhos diversos:

A Câmara insistia no seu plano de abastecimento ao nível concelhio, a que um despacho do M. O. P., de 28 de Janeiro de 1963, atribuía a verba de 500 contos, ao abrigo do II Plano de Fomento. No relatório da gerência municipal de 1962, o presidente da Câmara informava o concelho que o ministro das Obras Públicas havia homologado o relatório elaborado sobre o projecto do abastecimento ao nível concelhio, tendo como único abastecimento a nascente do Agroal, estando a resolução pendente de estudo económico com vista ao aproveitamento do caudal por outros concelhos.

No dia 28 de Janeiro de 1963, efectuou-se na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, em Lisboa, uma reunião com o director-geral, Eng. Alfredo Macedo Santos, o presidente da Câmara Municipal de V. N. O., Dr. Acácio de Paiva, o reitor do Santuário, Mons. António Antunes Borges, e o autor do projecto do abastecimento de água a V. N. O. e Fátima, Eng. Burnay de Mendonça. Foi uma reunião de esclarecimento, informação e esperança.

O Santuário insistia por que o Município tomasse conta da distribuição de água à população, construindo novas condutas e centrais, ficando a actual para seu único e exclusivo abastecimento.

O Ministério das Obras Públicas estava ocupado com a urgência do problema, com verbas altas que se tornavam necessárias e que os orçamentos não comportavam e com a perspectiva de que as finanças municipais



não suportassem a verba que legalmente lhes competia em trabalhos deste género. Num despacho a financiar a obra do saneamento da Cova da Iria (água e esgotos)!

Por ordem do Ministério fazem-se novas sondagens na propriedade da Câmara Municipal, na Caridade, junto a Vila Nova de Ourém. Nos furos abertos encontra-se abundante caudal. Nestas pesquisas foram gastos 251.900\$00.

Para melhor se inteirar dos assuntos e esclarecer a Câmara Municipal de V. N. O. sobre todas estas questões, deslocou-se no dia 18 de Maio de 1963, a Vila Nova de Ourém e à Fátima, o director-geral dos Serviços de Urbanização de Santarém e do Arq. Luís Xavier, autor do Plano de Urbanização da Fátima. Tanto na Câmara como na Fátima, agora com o reitor, Mons. António A. Borges, o director-geral informou que o ministro das Obras Públicas ordenara uma solução de emergência para a Fátima, o que não significava que o abastecimento concelhio houvesse sido posto de parte; que esta solução se integra na solução definitiva concelhia, pois a água agora captada e que é abundante, será sempre mais barata que a que tiver que ir buscar-se ao Agroal; que esta água se destina e permite o abastecimento domiciliário da Cova da Iria, Moita e Lomba d'Égua.

Ao mesmo tempo, informava o director-geral, quanto à rede geral de esgotos, estar em revisão o projecto mandado elaborar há anos e que a sua execução implicaria um dispêndio de cerca de nove mil contos, incluindo a construção da rede geral de esgotos e sanitários para uso dos peregrinos etc.

Dos resultados da visita e dos vários problemas relacionados com a urbanização do aglomerado da Fátima, elaborou o director-geral um relatório que, submetido à apreciação do ministro das Obras Públicas, obteve dele as seguintes anotações:

«— Anotação sobre o n.º 9 — a) Abastecimento de água — *Há dois aspectos do problema do abastecimento de água à Fátima: o do Santuário e do aglomerado populacional — o abastecimento dos acampamentos de peregrinos integrar-se-á num ou noutro destes aspectos, conforme a sua localização. Tem-se sempre partido do princípio — aliás defendido pela Reitoria do Santuário — de que nada temos (Estado e C. M.) com o problema do abastecimento do Santuário, que a referida Reitoria tem afirmado até agora que se encontra satisfatoriamente resolvido. Se a questão mudar de aspecto, teremos de examinar bem em que condições poderemos encará-la. Certamente não se recusará em princípio a colaboração do M. O. P., mas o Santuário terá de responder pelas despesas que lhe digam respeito. — Quanto ao abastecimento do núcleo populacional em*

*todas as circunstâncias o problema por cuja resolução tem de responder a C. M. com a assistência e ajuda do Estado e a contribuição do Santuário, cuja existência criou tal problema. Constitui séria surpresa para mim o que se informa quanto à inexistência duma rede pública de distribuição. Deverá a D. G. S. U. chamar a si a elaboração urgente do respectivo projecto. Entretanto, veja-se imediatamente o que é preciso aditar no programa da obra entre mãos — certamente fontanários —, para que esta tenha a maior utilidade possível nesta 1.ª fase. Quanto à atitude da C. M. é de esperar que triunfe o bom senso e que, dentro de poucos dias, não exista qualquer embaraço para a efectivação da obra nos termos em que está projectada.*

b) Rede geral de esgotos. *Aguardo o projecto revisito, documentado com cuidadosa informação sobre a possibilidade de divisão em fases sucessivas e respectivos encargos de execução. Naturalmente a 1.ª fase terá de incluir a resolução dos problemas do Santuário — a expensas suas — e os das instalações sanitárias dos acampamentos de peregrinos e das instalações de carácter hoteleiro. São evidentes desde já as dificuldades de financiamento duma obra destas proporções e a necessidade de se contar com uma substancial contribuição do Santuário, a qual se tem de considerar perfeitamente justa, não só porque é a existência do Santuário que originou o problema que se nos depara como também porque dispõe de receitas elevadas que, não sei se irremediavelmente — e convinha examinar este ponto atentamente — faltam à C. M. e ao Estado. O problema é de tal ordem que posso admitir que, pelo menos para já, tenha de afastar-se a sua resolução dos moldes técnicos normais. a) Arantes e Oliveira. 27.V.63».*

Das anotações do senhor ministro confirma-se a ideia errada que durante muitos anos se fazia da Fátima em certas Repartições Governamentais; *a de que a Fátima era apenas o Santuário. A povoação viveu, durante muitos anos, ignorada de muitas Repartições. Aliás supunha-se que as esmolas que os fiéis entregavam para o culto poderiam ser aplicadas noutros fins que não estes, como se o bispo de Leiria não tivesse sido e continuasse a ser explícito e categórico neste aspecto da Fátima. Ele o proclamou sempre, quer do púlpito, quer pela pena, quer em entrevistas e esclarecimentos, que as esmolas dos fiéis eram única e exclusivamente aplicadas nas construções do Santuário e nas despesas do culto. Os melhoramentos públicos pertenciam ao Estado. Por isso não deixam de ser estranhas certas palavras da anotação ministerial. Como também não deixa de ser significativa a estranheza do senhor ministro ao ter conhecimento de que na Fátima não havia, à data do relatório da Direcção-Geral, uma rede de distribuição domiciliária de água.*

A observação na anotação do senhor ministro, quanto à atitude da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, era resultante da relutância que a vereação manifestou em dar o seu acordo à solução de emergência preconizada pela Direcção-Geral, pelo receio de que esta solução de emergência viesse a resultar em definitiva, e por esta vereação estar convencida — convencimento que era o da Reitoria do Santuário — que não daria o resultado esperado, nem para a povoação nem para os peregrinos.

Aliás o reitor do Santuário foi explícito em esclarecer o assunto. Por isso, em 8 de Maio de 1963, enviou ao presidente da Câmara de V. N. O. um officio do teor seguinte: «*Pela Direcção dos Serviços de Urbanização de Santarém tive conhecimento do projecto de abastecimento de água. Embora não tenha sido chamado a dar o meu parecer, peço licença para sobre o projecto dizer o seguinte: 1) Parte-se do princípio de que é o Santuário que tem falta de água e que está em causa dar água aos peregrinos pelo sistema de bichas. Ocupa-se, portanto, o projecto de conduzir a água para torneiras a colocar ao lado de cada um dos arruamentos particulares do Santuário de acesso às casas dos retiros e ao longo da E. N. 356, fora da zona definida como recinto, e à beira de uma rua em forma de «raquete» que não existe. 2) Está mais que provado que no problema do abastecimento de água à Fátima não está em causa nem a água para o Santuário (casas dos retiros, hospitais, Basílica e outras dependências) nem a água em fontanários espalhados pelo recinto. Para isto é suficiente a água fornecida pela sua conduta. A grande falta de água na Fátima verifica-se nas pensões, casas religiosas, conventos, seminários e casas particulares, que estão a abastecer-se da pouca água que o Santuário lhes dispensa depois dos seus depósitos estarem cheios, e que estas casas canalizaram à sua custa. 3) A localização das torneiras a instalar é imprópria: a) nos acessos laterais, porque são acessos e não podem, de forma alguma, servir de estacionamento de peregrinos para se bastecerem de água; b) na avenida principal (E. N.), porque durante as grandes peregrinações são locais do maior movimento de camionetas para a entrada do parque que fica ao lado (do norte, camionetas em geral, do sul, carros do Automóvel Club de Portugal). Do lado sul permitem a afluência de peregrinos. Não se encontra motivo para a solução apresentada dado que não é o Santuário que necessita de água, mas as pensões, casas religiosas, seminários e conventos e casas particulares da Cova da Iria, Moita e Lomba d'Égua, porque, se estas tiverem água com abundância, tê-la-ão todos os peregrinos que venham a Fátima, quer nas grandes, quer nas pequenas peregrinações.»*

Estas observações do reitor eram baseadas no projecto provisório elaborado na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, resultante do brado que se levantara por toda a parte devido à falta de água na Fátima.

Por nos fornecer elementos interessantes sobre o sistema de abastecimento existente e o que a D. G. pretendia, transcrevemos a informação n.º 319, do processo n.º 1193/4, do eng. civil João de Andrade Correia, da Repartição de Água, de 19 de Abril de 1963. «*Em cumprimento do despacho de V. Exa. (informação do Director-Geral) exarado na informação desta Repartição datada de 9.4.63 e que incidiu sobre o abastecimento em epígrafe, desloquei-me no passado dia 11 a V. N. O. para visitar o local dos furos recentemente abertos e fornecer aos Serviços Técnicos da C. M. as indicações necessárias para que proceda o mais rapidamente possível ao levantamento topográfico do traçado, em planta e perfil, das condutas elevatórias a instalar entre os referidos furos e a cisterna existente junto da estação elevatória da Caridade. Logo que a Câmara envie aqueles elementos a esta Direcção de Serviços, poderão ser elaborados o estudo do diâmetro das condutas e dimensionados os grupos elevatórios submersíveis a instalar nos furos. A cisterna existente, onde vão terminar os drenos que fornecem a água que é actualmente distribuída em V. N. O. e no Seminário da Fátima, têm as dimensões de 5 m de diâmetro e de cerca de 5 m de altura útil, às quais corresponde a capacidade aproximada de 100 m<sup>3</sup>. Esta cisterna poderia vir a ser utilizada como reservatório regularizador de bombagem entre a 1.<sup>a</sup> elevação com origem nos furos e as duas restantes elevações, as quais se fazem presentemente para os reservatórios de V. N. O. e de S. Gens, este último pertencente ao sistema alimentador das cisternas do Santuário. Em visita, em seguida, efectuada à Cova da Iria, para colher elementos relacionados com o sistema de distribuição actual na povoação e no Santuário, obtiveram-se os seguintes, fornecidos pelo secretário do mesmo Santuário: 1.º) Existem 24 fontanários com a localização aproximada indicada na planta anexa a esta informação, os quais são alimentados a partir das cisternas construídas nas traseiras da Basílica. No centro da praça fronteira à Basílica existe ainda uma nascente, cuja água é distribuída por 44 torneiras, 4 das quais instaladas no local da nascente e as restantes montadas no lado poente da praça. Para alimentação destas últimas a água é elevada para um pequeno reservatório existente no edifício que lhe fica próximo. 2.º) — Os edifícios religiosos e algumas pensões são abastecidas por uma rede rudimentar com origem nas cisternas já referidas. 3.º) — As instalações sanitárias existentes vão também assina-*

(continua no próximo número)

# Medalha Comemorativa do I Concílio do Vaticano

Na passagem do primeiro centenário do I Concílio do Vaticano, resolveu o Episcopado Português da Metrópole mandar cunhar em bronze uma medalha comemorativa, da autoria do escultor Manuel da Silva Nogueira.

O número dos exemplares é bastante reduzido. O seu preço é de 280\$00 cada exemplar. Foi feita uma edição numerada cujo preço é de 325\$00. O exemplar número 1 foi oferecido ao Santo Padre.

A medalha pode ser adquirida através do Seminário de Leiria (Secretaria) e do Secretariado Geral do Episcopado (Universidade Católica — Rua da Palma de Cirna — Lisboa 4) e em casas da especialidade.



## LEITURA E SIMBOLOGIA

**Anverso:** A figuração das chaves e tiara é uma alusão ao **Poder das Chaves** e **Primado de Pedro** e de seus Sucessores, tema desenvolvido e definido no Concílio Vaticano I. As velas acesas e a luz das estrelas simbolizam a **Revelação** e a **Fé** sobre cuja doutrina se debruçou o mesmo Concílio.

Na Cartela, a legenda «1869 - Vaticano I - 1870. 1.º Centenário». O Concílio Vaticano I realizou-se em 1869-1870, passando agora o primeiro centenário sobre aquela data.

**Reverso:** A teoria das mitras alude à presença dos Bispos reunidos sob a Presidência do Sumo Pontífice (O Vaticano I foi um concílio ecuménico). A pomba, simbolizando o Espírito Santo, significa a presença e assistência do mesmo Espírito Santo nas decisões conciliares. As estrelas significam a luz que o Concílio Vaticano I fez irradiar sobre a Igreja e o mundo. O Concílio Vaticano I preparou o **Vaticano II**.

Autor da Medalha: Escultor Manuel da Silva Nogueira.

